

VOLUME 27 | NÚMERO 65 | SETEMBRO 2016

mais60

ESTUDOS SOBRE ENVELHECIMENTO

Sesc 70
anos

ARTIGO

Saber, aos poucos, se tornar
“sem idade”

ENTREVISTA

Marika Gidali
Bailarina

PAINEL DE EXPERIÊNCIAS

Território Campo Limpo



Sesc São Paulo

Av. Álvaro Ramos, 991
03331-000 São Paulo - SP
TEL.: +55 11 2607-8000
sescsp.org.br

mais60

ESTUDOS SOBRE ENVELHECIMENTO

VOLUME
27

NÚMERO
65

SETEMBRO
2016

ISSN
2358-6362

Produção técnica editada pelo
Sesc – Serviço Social do Comércio

SESC - SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO
Administração Regional no Estado
de São Paulo

PRESIDENTE DO CONSELHO REGIONAL

Abram Szajman

DIRETOR DO DEPARTAMENTO REGIONAL

Danilo Santos de Miranda

SUPERINTENDENTES

Técnico-Social Joel Naimayer Padula

Comunicação Social Ivan Giannini

Administração Luiz Deoclécio

Massaro Galina Assessoria Técnica e de

Planejamento Sérgio José Battistelli

GERENTES

Estudos e Programas Sociais Cristina Riscalla

Madi Adjunta Cristiane Ferrari *Artes Gráficas*

Hélcio Magalhães *Adjunta* Karina Musumeci

COMISSÃO EDITORIAL

Celina Dias Azevedo (*coordenação*),
Ana Lucia Garbin, Cristina Fongaro Peres,
Danilo Cymrot, Denise Collus, Elizabeth
Aparecida Guaraldo Brasileiro, Fernando
Marineli, Flavia Rejane Prando, Gabriela
da Silva Neves, Jair de Souza Moreira
Júnior, Kelly Cecília Teixeira, Lucy Franco,
Maria Augusta Maia de Araújo Damiaty,
Maria Emília Carminetti, Maria Ivani
Rezende de Brito Gama, Mariana Barbosa
Meirelies Ruocco, Marina Herrero, Maria
José Leandro Tavares, Neide Alessandra
Périgo Nascimento, Regiane Cristina
Galante, Ricardo Silvestre Micheli, Rosana
Abrunhosa, Sandra Carla Sarde Mirabelli,
Sandra Regina Feltran, Sílvia Eri Hirao,
Virginia Baglini Chiavallotti.

Editoração Denis Tchepelentyky

Produção Digital Ana Paula Fraay
e Marilu Donadelli

Fotografias Capa e Pág. 5, 8 e 80 a 87:
Monica Vendramini; pág. 22: Dani
Sandrini; pág. 39 e 46: Acervo - Núcleo
de Ação Educativa da Pinacoteca do
Estado de São Paulo; pág. 52: Adauto
Perin; pág. 71, 73, 74, 77 e 78: Alexandre
Nunis; pág. 89, 90 e 93: Rogerio Pixote.

Revisão Vivian Catarina Dias

Projeto Gráfico Marcio Freitas
e Renato Essenfelder

**Artigos para publicação podem ser
enviados para avaliação da comissão
editorial, no seguinte endereço:**

revistamais60@sescsp.org.br

Mais 60: estudos sobre envelhecimento
/ Edição do Serviço Social do Comércio.

– São Paulo: Sesc São Paulo, v. 27, n. 65,
setembro. 2016 –.

Quadrimestral.

ISSN 2358-6362

Continuação de A Terceira Idade:
Estudos sobre Envelhecimento, Ano 1, n. 1,
set. 1988-2014. ISSN 1676-0336.

1. Gerontologia. 2. Terceira idade.
3. Idosos. 4. Envelhecimento. 4.
Periódico. I. Título. II. Subtítulo.
III. Serviço Social do Comércio.
CDD 362.604

Nota

As opiniões e afirmações contidas em
artigos e entrevista publicadas na **mais60**
são de responsabilidade de seus autores.



CAPA

Monica Vendramini

Fotógrafa há 35 anos. Foi fotojornalista da *Folha de São Paulo*, *O Estado de São Paulo*, *Liberación* (França), *Le Soir* (Suíça), *The New York Times* (EUA), entre outros. Vencedora do IV Vídeo Brasil-SP/Brasil com uma produção sobre o poeta russo Vladimir Maiakovski. Fundadora e diretora da BIOGRAPHICA Arte Contemporânea.

SUMÁRIO

- 1** PÁGINAS DE 8 A 21
Destaque da edição
Saber, aos poucos, se tornar “sem idade”
por **Ciro Marcondes Filho**
- 2** PÁGINAS DE 22 A 37
Envelhecer com qualidade e o conceito multifuncional aplicado ao esporte
por **Diolino Pereira de Brito**
- 3** PÁGINAS DE 38 A 51
Meu Museu: espaço de memórias compartilhadas
por **Milene Chiovatto, Gabriela Aidar e Aline Stivaletti**
- 4** PÁGINAS DE 52 A 69
Os públicos experientes que habitam o Sesc em São Paulo
por **Ioná Damiana de Souza e Celina Dias Azevedo**
- e** PÁGINAS DE 70 A 79
ENTREVISTA: Marika Gidali
- f** PÁGINAS DE 80 A 87
FOTOGRAFIA: Monica Vendramini
- p** PÁGINAS DE 88 A 95
PAINEL DE EXPERIÊNCIA: Território Campo Limpo: Bordando nossa História
por **Aline Tafner**
- r** PÁGINAS DE 108 A 109
RESENHA: O Mal-Estar na Velhice em Diário da Guerra do Porco de Bioy Casares
por **Christian Ingo Lenz Dunker**



Uma sociedade sem idades é possível?

Danilo Santos de Miranda

Diretor Regional do Sesc São Paulo



No início da década de 80, do século XX, com intuito de acompanhar a marcante transição demográfica mundial - o aumento da população entre 60 e 80 anos em todos os países – a Organização das Nações Unidas (ONU) conclamou a sociedade para discutir sobre as repercussões de tal conjuntura e contribuir com proposições de ações.

Com esse objetivo, a partir de 1982 iniciou-se uma série de encontros internacionais promovidos pela entidade. Em Madri, no ano de 2002, a *Segunda Assembleia Mundial das Nações Unidas sobre o Envelhecimento* resultou no *Plano de Ação Internacional sobre o envelhecimento*. Uma das principais orientações daquele documento foi o estabelecimento da diretriz “uma sociedade para todas as idades”, constituindo uma importante forma de pensar a inclusão do velho de maneira ampla.

Diante disso, e prestes a completar 15 anos do lançamento daquele documento, propomos outra perspectiva em face da conjuntura do envelhecimento da população mundial. Sabemos ser a velhice, tanto quanto a juventude e a infância, um conceito construído socialmente. Pesquisadores já revelaram como a valorização da infância foi resultado de um processo histórico desde a Idade Média até a Modernidade. Da mesma forma, a segunda metade do século XX testemunhou a criação da ideia de juventude.

A questão etária tornou-se fundamental em nossa sociedade. São aceitas com naturalidade as regras que determinam, por exemplo, que para estar sob a proteção do *Estatuto do Idoso* é necessário ter mais de 60 anos de idade; do *Estatuto da Criança e do Adolescente* no máximo 18 anos e que o *Estatuto da Juventude* ampara o jovem adulto até os 29 anos. Temos a vida fatiada!

O tempo é uma construção cultural como tantas outras e nossa sociedade foi organizada identificando-se com *Kronos*, que é muitas vezes representado por uma flecha movendo-se em sentido linear, sem volta. A referência do tempo quantificado, contabilizado identifica e marca a idade. A questão etária – e todas as implicações decorrentes – determina nossa forma de identificação e de relação com o outro.

Mas e se vivêssemos em uma sociedade sem idades? Situar o envelhecimento, a dinâmica da vida, como parte de um processo exige uma mudança de atitude. Atitude que nos levaria a olhar para nossa dimensão vital e não para a quantidade de anos acumulada. Como seria ou que parâmetros poderiam ser adotados para a proteção da vida de forma ampla, para o acolhimento e inclusão social efetiva de um indivíduo? Que sociedade teríamos se não nos apegássemos a “modelos” que determinam o comportamento adequado para cada faixa etária, a maneira de nos relacionarmos e de valorizar um indivíduo de acordo com sua data de nascimento?

Com essa visão, o Sesc tem procurado em suas últimas campanhas educativas - cujos temas relacionam-se de alguma forma com o envelhecimento - apontar para a importância em se estabelecer compromissos éticos pautados na alteridade e corresponsabilidade, por meio da participação social e do diálogo, e, assim, permitir que todos os indivíduos, independentemente de sua idade, ritmo, tempo, sintam-se respeitados e adotem posturas de comprometimento e cuidado com o outro, de tal modo que nossa sociedade passe a ser, de fato, uma sociedade para todos. ➔

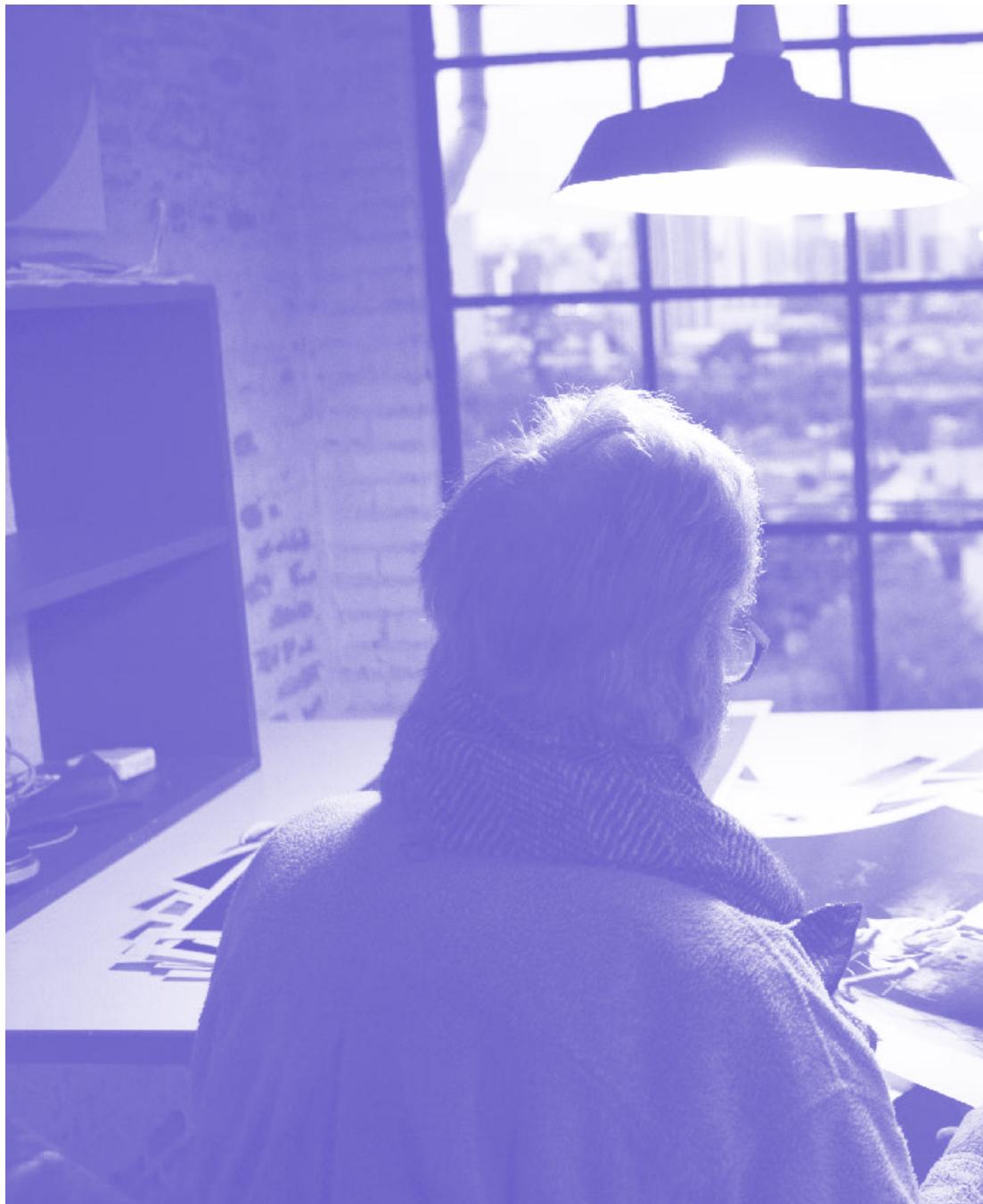


*Artigo
da capa*

Saber, aos poucos, se tornar “sem idade”

“Não, o tempo não cura todas as feridas;
é ele a própria ferida” (Nietzsche)

[Artigo 1, páginas de 8 a 21]





Ciro Marcondes Filho

Doutor pela Universidade de Frankfurt, pós-doutor pela Universidade de Grenoble (França), titular da Cátedra UNESCO José Reis de Divulgação Científica, professor titular da ECA-USP desde 1987. Responsável pela coleção Filosofia da Comunicação. Colunista da revista Caros Amigos. É atualmente comentarista da Rádio USP no programa Ciência Feliz.



RESUMO

O que é o envelhecer? O que nos identifica como velhos? O passar do tempo, a idade como categoria social inventada em oposição à natureza que percorre o processo da vida. O que nos trouxe a marcação do tempo? A forma como homens e mulheres temem a velhice, a dificuldade de aceitar a degeneração física que contraria nossa imagem idealizada são elementos de nossa cultura, que merecem reflexão nos variados espaços e formas de expressões artísticas: cinema, literatura, poesia.

Palavras-chave: envelhecimento; velhice – categoria social, velhice e arte

ABSTRACT

What defines the process of aging? What identifies us as old people? The passing of time; age as an invented social category, as opposed to the nature that runs throughout our lives. What has made us measure time? The way men and women fear senescence and the difficulty in accepting the physical degeneration that frustrates one's idealized image are elements of our culture that are worth to be considered in the varied spaces and forms of artistic expression: cinema, literature, poetry

Keywords: Aging; old age as a social category; old age and art.

INTRODUÇÃO

Se há uma coisa com a qual nós nunca vamos nos dar bem, essa coisa é o tempo. O tempo representa o grande enigma do ser humano. Animais não se incomodam com o tempo, tampouco os vegetais. Mas os seres humanos padecem sob ele, sofrem desmesuradamente ao sentirem sua presença sutil.

Há um tempo diferente do tempo de nossos relógios – o *cronos* dos gregos – mesmo distinto do tempo da eternidade – o *eon* – ou mesmo do instante oportuno – chamado de *kairós*. É um outro tempo, “tempo em estado puro”, como o denominava o escritor francês Marcel Proust¹. Um tempo que não se mostra, mas que se faz presente no corpo do outro. E no nosso corpo. Na transformação do outro temos a nítida consciência de nossa própria degeneração.

Os anos são uma categoria social, inventada, criada pelo homem para marcar, mesmo que arbitrariamente, a diferença dos tempos em que vive. Para a natureza, não há dias da semana, meses do ano, décadas ou séculos. Há apenas o eterno processo da vida: nascer, crescer, multiplicar-se e morrer.

Sob esse ritmo vivem os animais, os vegetais, as obras humanas criadas pela civilização. Mas, com a marcação do tempo, veio a angústia da morte, o desespero diante do inevitável, o pânico de saber que um dia se irá desaparecer para sempre, sem deixar qualquer vestígio.

Essa nossa angústia, a qual nos torna seres diferentes e mais sofredores que os demais seres vivos, marca o dilema da vida. Viver é começar a morrer. Não há como ser diferente. O drama da espécie é a consciência, é saber disso, é ter a noção do porvir, é a dureza de ter em mente que um dia se irá desaparecer.

Jamais saberemos o que veio antes de nós, de nossas sociedades, de nosso sistema planetário; jamais saberemos o que virá depois, se é que virá alguma coisa. A grande angústia existencial, já levantada por Pascal², é essa nossa insignificância diante de leis insondáveis do universo.

DE REPENTE NOS DAMOS CONTA QUE ENVELHECEMOS...

Dizia Mário Quintana³, em *Imagem perdida*, que com o passar dos anos temos apenas um “valor estimativo”, como taça quebrada, folha seca, só vivendo nos olhos que nos querem e que um dia vão se extinguir... Foram-se os olhos das amadas, seus lábios já não pronunciam seu nome, assim como se foi o abraço amigo e caloroso...

1 Valentin Louis Georges Eugène Marcel Proust (1871-1922). Considerado um dos pais do romance moderno. Conhecedor do pensamento de Henri Bergson, a cujos cursos assistiu, Proust é autor da obra *Em Busca do Tempo Perdido* (publicada entre 1913 e 1927).

2 Blaise Pascal (1623-1662) filósofo, matemático e físico francês. Dentre suas principais obras estão: *Pensamentos*, editora Martins Fontes, 2005; *Ensaio*, editora Penguin Companhia, 2010.

3 Mario Quintana (1906-1994) escritor, poeta, tradutor, jornalista gaúcho.

4 Alain Finkielkraut, filósofo francês, autor da obra *A derrota do pensamento*; tradução Mônica Campos de Almeida. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

5 Cecília Meireles (1901-1964) escritora e jornalista carioca. Seu poema *Retrato* integra a obra *Viagem*. São Paulo: Global, 2012.

Nosso rosto é nosso primeiro carrasco. É a denúncia indisfarçável de que os anos se apossaram de nós e cavaram em nossa pele, límpida e macia as rugas, as manchas, a decrepitude da pele. O tempo em estado puro nos atravessando.

Alain Finkielkraut⁴ sublinha que “uma imperceptível debilitação faz desaparecer pouco a pouco a plenitude ou a graça das fisionomias mais juvenis”. De fato, são as rugas que, estragando a beleza do rosto, o denunciam. E nos fazem nos surpreendermos diante do espelho.

A face que nos olha não nos é mais familiar. Algo mudou. “Quem é esse que me olha e é tão mais velho do que eu?” – pergunta-se Quintana, em *Velho no espelho*. É meu pai, responde ele, inconformado: “Como pude ficar assim?” Meu pai me invadiu lentamente, ruga a ruga.

No espelho, nas fotografias, nos vídeos em que aparecemos, há o testemunho implacável de nosso declínio físico, da irreversível mudança de nossa figura, da decadência do corpo. A revelação indesejada da proximidade do fim. “Eu não tinha essas mãos sem força, tão paradas, frias e mortas”, escreve Cecília Meireles⁵, em *Retrato*. “Eu não dei por esta mudança, / tão simples, tão certa, tão fácil / Em que espelho ficou perdida minha face?”

De fato, a constatação da falência de nosso corpo, o enfraquecimento dos músculos, a perda de elasticidade, a rigidez que esmorece, as traições da memória, a deterioração da visão, da audição nos põem diante de uma realidade contra a qual lutamos, empenhando-nos em esforços e trabalhos que já não conseguimos realizar, travando uma luta desigual contra o avanço da precariedade.

E o mais cruel de todos é o distanciamento do outro, o já-não-sermos-mais-desejados, a perda do direito ao afeto físico, ao toque, ao prazer carnal, à maior excitação da vida.

A DEFASAGEM ENTRE CORPO E MENTE

A idade representa o registro de nosso tempo no mundo. Ela consiste num signo externo da transformação física pela qual passamos. Contudo, as alterações de nossa aparência estão em frontal conflito com nossa mente, que não sente, por si mesma, o envelhecimento. Somos contaminados por uma sensação interior de permanecermos sempre os mesmos.

Daí o sentimento paradoxal e o choque diante de nossa própria imagem. Apesar dos anos, sentimo-nos como sempre fomos; como se não tivéssemos mudado; e nos iludimos em pensar que o outro nos sinta da mesma maneira. Nossa mente não aceita a degeneração física, pois está em desacordo com nossa imagem idealizada.

O filósofo francês Henri Bergson⁶ sublinhava que a separação das fases da vida constitui algo totalmente artificial. As pessoas veem uma criança, um adolescente, um adulto, um homem maduro e um homem de idade avançada e imaginam rupturas marcando a passagem de uma fase para a outra.

Em verdade, diz ele, não há esses momentos de virada, somos um contínuo que portamos, em nós mesmos, nosso próprio momento futuro e as marcas das fases anteriores, tudo sem interrupção. Não passamos a ser velhos de uma hora para outra: nosso corpo, que vivencia esse processo, como os de uma fruta que colhemos verde, vai sofrendo a ação do tempo e se tornando amarela até chegar ao momento escuro e enrugado de seu apodrecimento. O tempo a atravessa.

Observando as mãos do pai, Quintana repara nas veias azuis que lidaram, acariciaram e, quando repousadas nos braços da cadeira, parecem emitir uma luz. A vida emana delas, diz o poeta em *As mãos de meu pai*, ela transcende a própria vida e os anjos um dia chamarão de alma.

O rosto, as mãos, a energia que vem de dentro constituem nossa presença, nossa figura, essa *anima* que nenhuma ciência conseguiu descrever. Talvez o único pensador que se incomodou com a dimensão extrafísica do rosto tenha sido Emmanuel Levinas⁷. Segundo o autor, o rosto não representa apenas um rosto. Seja o de uma mulher abatida, o de uma criança pobre, o de um soldado derrotado, o de um velho, não importa, o rosto torna-se o canal que nos liga à humanidade toda.

É o olhar do outro, seu rosto, que está na base do mandamento bíblico “Não matarás!” Porque, além do próprio olhar, de seu poder de revelação de uma interioridade escondida dessa pessoa, ele leva mais além, veículo direto para toda a espécie humana, nos convocando, enfim, a adotar uma postura ética diante de outro ser humano.

6 Henri Bergson (1859-1941) professor, filósofo e diplomata. Dentre suas obras destacam-se: *A evolução criadora*. São Paulo: Martins Fontes, 2005; *Memória e vida*. São Paulo: Martins Fontes, 2011; *Memória e matéria: ensaio da relação do corpo com o espírito*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

7 Emanuel Lévinas (1906-1995), filósofo francês, nascido na Lituânia, autor, dentre outras, das seguintes obras: *Entre Nós: ensaios sobre a alteridade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997; *Ética e infinito: diálogos com Philippe Nemo*. Lisboa: Edições 70, 1988; *Humanismo do outro homem*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.



O narcisismo tornou-se *ethos* dominante nos últimos 150 anos. Com a fotografia, as pessoas começaram a se preocupar mais com a imagem que era registrada em placas fotográficas.

8 René Descartes (1596-1650), filósofo, matemático e físico francês.

René Descartes⁸, o sabemos, expurgou, por meio do princípio da razão, a alma humana do campo dos interesses cognitivos. Seu racionalismo dividiu o corpo da mente, excluindo aquilo que exatamente dava vida ao corpo, e que os gregos denominavam *psyché*, a alma.

Esse desvio cientificista levou a que as ciências se ocupassem menos com aquilo que não era palpável, mensurável, aproveitável e tendessem ao meramente útil, deixando as questões éticas e os compromissos sociais fora do campo do saber. O que é renegado no processo de envelhecimento consiste exatamente nessa energia – *anima* ou *psyché* – nessa força que sobrevive apesar da decadência do corpo.

A cultura contemporânea, centrada no investimento no corpo e na aparência, relega essa dimensão de nossa existência a um plano insignificante. Por isso, talvez, o tratamento desigual de jovens e velhos, visto que estes são vistos apenas como *hardware* obsoleto, máquina que se tornou inútil e sem interesse para o outro.

ENVELHECIMENTO E NARCISISMO

O narcisismo tornou-se *ethos* dominante nos últimos 150 anos. Com a fotografia, as pessoas começaram a se preocupar mais com a imagem que era registrada em placas fotográficas. Cem anos atrás as máquinas já eram bastante populares e as pessoas poderiam adquiri-las e se divertir com a maravilha de reter e guardar cenas, imagens, rostos de pessoas comuns.

Guardar imagens. Deter o tempo nas fotos. Cristalizar pessoas e cenas. Nada de mais fascinante para a época. O cinema, em vista dos custos elevados, não dispunha da mesma popularidade, se bem que as imagens refletidas nas telas funcionassem como novos modelos de beleza, sedução e imitação por parte das plateias.

A cultura de massas que surge daí passará a fabricar estilos de vida, de comportamento, de exibição pública que se tornarão exemplares para nações inteiras. Inicia-se o culto industrial das aparências. Ros-

tos belos e jovens assumem a dianteira dos painéis, das telas, dos cartazes e do imaginário de homens e mulheres.

O pesquisador norte-americano Christopher Lasch dedica-se ao estudo da importância das aparências nas sociedades contemporâneas. Em seu livro, *A cultura do narcisismo*, o autor defende que a velhice não constitui uma categoria biológica mas social: “O moderno problema da velhice, sob este ponto de vista, tem origem menos no declínio físico, do que na intolerância da sociedade para com os idosos, em sua recusa de fazer uso de sua sabedoria acumulada e em sua tentativa de relegá-los à margem da existência social”.⁹

O próprio termo “idoso” já está carregado de conotações negativas. Alguém muito carregado de idade, eufemismo para não os chamarem de velhos, cujo tempo já passou, conceito esse, contudo, que se alterou historicamente, visto que séculos atrás ter 50 anos já era uma “idade avançada”.

Mas essa mudança, ou esse “ganho de vida”, não alterou os preconceitos. Os espanhóis falam de *mayores*, talvez com conotações menos negativas. De toda maneira, qualquer associação a “muita idade”, muita vivência, remete a uma existência que incomoda, que cisma em permanecer. Melhor de tudo, mais justo, mais digno, mais honesto, como no filme *Youth* (Sorrentino¹⁰, 2015), mostra-se dizer que são “sem idade”.

O velho é o espelho do futuro que preferimos não ver, pois ele será nosso amanhã; e a sociedade narcisista não quer saber nem do passado nem do futuro; reduz a existência ao desfrute imediato, ao consumo predatório, ao prazer do momento.

De alguma maneira, a concepção antiga do Paraíso, como momento enfim do desfrute da vida, reservado para a existência após a morte, transferiu-se, na sociedade de consumo, para a existência terrena, funcionando como compensação ao princípio de realidade, cruel e opressor.

⁹ LASCH, Christopher. *A cultura do narcisismo: a vida americana numa era de esperanças em declínio*. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

¹⁰ *Juventude (Youth)*. Direção: Paolo Sorrentino. Elenco: Michael Caine, Harvey Keitel, Rachel Weisz. Itália, França, Suíça, Reino Unido, 2015.



O próprio termo “idoso” já está carregado de conotações negativas. Alguém muito carregado de idade, eufemismo para não os chamarem de velhos, cujo tempo já passou, conceito esse, contudo, que se alterou historicamente, visto que séculos atrás ter 50 anos já era uma “idade avançada”.

Por isso, homens e mulheres começam a temer a velhice antes mesmo de chegar à meia-idade. Os norte-americanos experimentam o quadrágésimo aniversário como o início do fim. Para eles, o terror irracional da velhice e da morte está intimamente associado à emergência da personalidade narcisista em nossas sociedades, salienta Lasch.

O narcisista dispõe de poucos recursos interiores: olha os outros para validar a si mesmo, precisa ser admirado por sua beleza, encanto, celebridade, coisas que decaem com o tempo. Por isso, a presença do fantasma materializado no corpo do homem ou da mulher cuja juventude está longínqua incomoda. Imagem negativa do próprio devir.

Consoante Lasch, a personalidade narcisista reflete uma mudança drástica em seu sentido de tempo histórico, uma sociedade que teria perdido o interesse pelo futuro. Mas, talvez, não apenas pelo futuro, como exposto acima na concepção de paraíso-aqui-mesmo, mas na negação igualmente efetiva do passado e de seus portadores, daqueles que acumularam experiência, saber e memória.

Nos tempos da rapidez eletrônica, do apagamento simples de imagens e textos, da varredura contínua de nossos arquivos e da imaterialidade de nossas obras, tudo que tem a ver com o passado dissolve-se no ar.

O culto do eu hoje está mais radicalizado por força dessas conexões eletrônicas. Elas substituem o estar junto social por um paradoxal estar junto estando longe, em outro lugar, mesmo que “de corpo presente”. Os *gadgets* eletrônicos invadiram o espaço que ainda sobrava da sociabilidade urbana, as mesas de cafés e restaurantes, os encontros casuais, os espaços de fala e conversa, introduzindo aí uma espécie de *take off*, de decolagem da cena, perigosamente incômoda de olhar o outro, senti-lo, tocá-lo, “entrar no clima”. Decolamos o tempo todo.

A sociedade estigmatiza os velhos e os exclui porque não vê neles os modelos narcísicos para sua frágil identidade, hoje ainda mais debilita-



A personalidade narcisista reflete uma mudança drástica em seu sentido de tempo histórico, uma sociedade que teria perdido o interesse pelo futuro. Mas, talvez, não apenas pelo futuro, como exposto acima na concepção de paraíso-aqui-mesmo, mas na negação igualmente efetiva do passado e de seus portadores, daqueles que acumularam experiência, saber e memória.

da por estar apoiada em suportes digitais tão tênues. Assim como pres-tígios e nomes podem, de uma hora para outra, desaparecer por força da viralização eletrônica; assim como os 15 minutos de glória vão se li-quefazendo ainda mais para, talvez, 15 segundos, da mesma forma, a volaticidade dos relacionamentos, das paixões, das amizades, das uni-ões converge para um grande vazio.

E no espaço da instantaneidade, dos relacionamentos eventuais e ligeiros, a prática e a lógica da sexualidade atual inviabiliza aos velhos os rituais de aproximação e de prazer, como se a sexualidade estivesse organicamente atrelada à juventude e ao corpo sarado, proibida aos não pertencentes ao clube.

A paixão, vista como atributo dos corpos lisos e da carne dura, não encontra mais espaço simbólico nos velhos, pois pertence à semió-tica dos perfumes, das cores berrantes, das roupas provocantes, da pletora dos órgãos, das provocações sexuais. O beijo necessita de lá-bios firmes e ágeis; a volúpia dos corpos não abre espaço para o tem-po da delicadeza.

Essa opressão biopolítica funciona como poder massacrante invisí-vel, reforçado continuamente pelos jovens e pela publicidade a ponto de inibir sinceros sentimentos de aproximação e da corte. E aos velhos não sobra outra performance senão a do desencanto, do incômodo de ainda estar vivo, da sensação de outros ansiarem por seu próximo de-saparecimento ou por sua internação num asilo.

É toda uma sociedade, nos atos e nas insinuações, nas falas e nos si-lêncios, no olhar do outro e nas ironias, que os vão empurrando cada vez mais para a margem, para o fim, para sua própria cova, mesmo que a saúde ainda o mantenha, mesmo que o élan vital ainda flameje

MAS HÁ CONTRAEXEMPLOS...

A compositora chilena Violeta Parra¹¹, já com quase 50 anos, escreveu a canção *Volver a los 17* para Gilbert Favre, um homem 18 anos mais

¹¹ “El amor con sus esmeros al viejo lo vuelve niño”. Violeta de La Parra (1917-1967), cantora, compositora, poeta, nascida no Chile.



A paixão, vista como atributo dos corpos lisos e da carne dura, não encontra mais espaço simbólico nos velhos, pois pertence à semiótica dos perfumes, das cores berrantes, das roupas provocantes, da pletora dos órgãos, das provocações sexuais.

12 Edith Piaf (1915-1963)
cantora francesa.

13 *O Medo Devora a Alma* (Angst Essen Seele Auf). Direção: Rainer Werner Fassbinder. Elenco: Brigitte Mira, El Hedi ben Salem, Barbara Valentin. Alemanha, 1974. Duração: 93 min. Brasil: Paragon Multimídia.

14 Hal Ashby (1929-1988), nascido nos EUA, dirigiu o filme: *Ensina-me a viver*. Elenco: Ruth Gordon, Bud Cort, Cyril Cusack. EUA, 1971.

15 Gaston Gallimard (1881-1975) editor francês e fundador das Edições Gallimard, uma das mais famosas e importantes casas editoriais francesas do século XX.

16 André Gide (1869-1951)
escritor francês.

17 Paul Valéry (1871-1945)
filósofo, escritor e poeta francês.

18 Jean Giraudoux (1882-1944)
escritor e romancista francês.

jovem que ela, por quem se apaixonou perdidamente e que a fez rejuvenescer: o amor com seus esmeros, o velho torna menino [...]. Isso nos lembra também a paixão de Edith Piaf¹² por Theophanis Lamboukas, 20 anos mais jovem que ela, com quem se casou em 1982.

Lembramos ainda dois filmes famosos. Um, de Rainer Werner Fassbinder¹³, *O medo devora a alma* (1974), no qual uma aposentada, cujo único prazer na vida era assistir a televisão, ao ter de entrar num bar para se proteger da chuva, é convidada a dançar pelo jovem marroquino Ali. Eles se apaixonam e se casam. Contudo, amigos, parentes, conhecidos os repudiam, mas eles tentam assim mesmo sobreviver.

O outro filme, *Ensina-me a viver*, de Hal Ashby¹⁴, 1971, no qual um jovem de 19 anos, Harold, obcecado por morte, apaixonou-se por uma senhora de 79 anos, Maude, amante da vida. Segundo um crítico da época trata-se da mais doce e menos convencional de todas as histórias de amor jamais escrita.

Mais contundente ainda foi a paixão do editor Gastão Gallimard¹⁵, na Paris do pós-guerra. Um dia, conta-nos Germaine Sorbet, no inverno de 1954, o famoso editor pôs um papel sob sua porta: “Estou muito cansado, deixem-me dormir”, depois do qual ingeriu um tubo de soníferos. Quando descoberto, já estava em coma. Transportado para uma clínica e, depois de sofrer 15 lavagens estomacais, se refez.

No entanto, havia perdido o gosto de viver. Ele explicou seu gesto pelo horror à velhice e ao vazio: Gide¹⁶, Valéry¹⁷, Giraudoux¹⁸, muitos de seus autores estavam mortos e a literatura moderna não o interessava mais. Contudo, para os íntimos, uma tal desesperança tinha um nome: o de sua secretária, que ele amara até a morte.

As paixões dos velhos podem ter a doçura da noite ou não passar de um frenesi senil, diz Sorbet. O amor de Gastão Gallimard consistia-se num crepúsculo wagneriano. Um crepúsculo de vinte anos em que ele veria, ao seu lado, mais do que em sua cama, aquela mulher soberba, soberana e inteligente, mulher de cabeça e de caráter. Mas, na época de seu suicídio, devastado pela paixão, o grande Gallimard era apenas dor.



As paixões dos velhos podem ter a doçura da noite ou não passar de um frenesi senil, diz Sorbet



Há, em cada um de nós, o tempo todo, o jovem e o velho

A SABEDORIA DO TEMPO

Na canção de Chico Buarque¹⁹ *Todo sentimento*, há o apelo de se pretender descobrir, no último momento, o tempo que refaz o que fez, que põe no corpo um “outra vez”. É como um personagem que perdeu a amada, mas aspira voltar a encontrá-la no tempo da delicadeza... São precisos anos para que aprendamos a viver, a nos tornar mais humanos. Assim são os homens. Com trinta anos ainda somos meros iniciantes, dizia Nietzsche, meros melancólicos. É só mais tarde que adquirimos a clareza de visão.

O que nos torna velhos ou jovens de cabeça são as ideias retrógradadas, antiquadas, conservadoras ou então abertas, inovadoras, sem preconceitos que possamos ter. Há, em cada um de nós, o tempo todo, o jovem e o velho. Há aqueles adolescentes em cuja fala se apresenta a expressão dura e envelhecida dos pais e dos avós, carregada de preconceitos e de rancores.

Há aqueles velhos que nos passam a elevação, a pureza, a sensibilidade apurada e fina, que raramente encontramos em nossos contemporâneos... Estava errado, portanto, Stendhal²⁰ ao dizer que a velhice seria a privação da loucura, a ausência de ilusão e de paixão.

Eugène Sue²¹ dava um conselho: se és velho, seja enérgico que irão esquecer tua idade. Ou Montaigne, para quem a velhice não é uma questão de idade, mas de cabeça. Affonso Romano de Santana²² em *O prazer da idade*, indica estar vivendo a glória de seu sexo a dois passos do crepúsculo: “Envelheço, sim”, diz ele, “E (ocultamente) resplandeço”.

Manuel Bandeira²³ fala de sua grande ternura pelas mulheres que foram meninas bonitas e ficaram mulheres feias, que foram desejáveis e deixaram de sê-lo, pelas que o amaram e as que ele não pode amar. Pelas amadas que envelheceram sem maldade (*Minha grande ternura*).

Porém, minha emoção maior ocorreu ao ler o singelo relato de Renata Carvalho, minha ex-aluna, descrevendo o fim da vida de seu avô:

Ainda me lembro a última vez que o vi. Lembro do jeito manso dele sorrindo. A gente andava junto pela horta da minha avó, e ele, com aqueles

19 Chico Buarque (1944-) músico, compositor e escritor carioca.

20 Stendhal (1783-1842) escritor francês.

21 Stendhal (1783-1842) escritor francês.

22 SANT’ANNA, Affonso Romano de. *Textamentos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

23 Manuel Bandeira (1886-1968) poeta e escritor pernambucano.

Artigo 1

Saber, aos poucos, se tornar “sem idade”

olhos de sabedoria, com aqueles olhos que já conhecem o mundo há tantas e tantas décadas, despejava com humildade tudo que sabia das ervas ali. Para que servia o chá de erva-cidreira, como espantar inveja com um raminho de arruda. Eu sorria e anotava num caderno as coisas que ele dizia, sempre fascinada por herbologia. Ele me amava e eu o amava de volta, dessa maneira muito especial, que só nós dois sabíamos. Lembro da foto que insisti em tirar, e ele tímido, sem querer posar para mim. Sentou no sofá, com chapéu na cabeça, com uma dignidade de coronel, assim, todo enxuto e empinado, e eu tirei a fotografia mesmo contra a sua vontade.

No dia em que fui embora, ele foi me levar até o ônibus, caminhando com dificuldade. Isso foi há uns dois anos, no sertão da Bahia, naquela terra seca onde ele dorme agora. Mas no dia em que ele se foi, choveu. Choveu no sertão, na manhã desse sábado, porque meu avô morreu. Diz uma antiga tradição italiana que quando chove no dia em que alguém morre, é porque os bons espíritos querem amaciar a terra que receberá aquele corpo: porque merecia, foi alguém bom na vida. E a chuva amaciou a terra dura do sertão para receber o corpo do meu avô, que eu nunca mais vou ver.

Não sei lidar muito bem com isso, não sei lidar com a morte, não sei lidar com a palavra nunca, com toda sua impossibilidade, sua rigidez. Não sei digerir em mim o significado de nunca mais ouvir todas as histórias que ele ainda tinha que me contar; de nunca mais vê-lo sentado em seu sofá, com seu chapéu e seu sorriso magro, no movimento de seu olhar, e não na estaticidade de uma fotografia.

Com ele se foi para sempre toda a sabedoria dos seus anos, todo o conhecimento de uma vida que eu mal posso imaginar. Que talvez perpe-



Diz uma antiga tradição italiana que quando chove no dia em que alguém morre, é porque os bons espíritos querem amaciar a terra que receberá aquele corpo: porque merecia, foi alguém bom na vida.

tue-se recôndito nas ervas silenciosas que brotarem sobre seu túmulo,
e que eu nunca, nunca vou compreender.²⁴

*As tuas mãos têm grossas veias como cordas azuis sobre um fundo
de manchas já da cor da terra.*

*- como são belas as tuas mãos
pelo quanto lidaram, acariciaram ou fremiram da
nobre cólera dos justos...*

*Porque há nas tuas mãos, meu velho pai, essa beleza
que se chama simplesmente vida.*

*E, ao entardecer, quando elas repousam nos braços
da tua cadeira predileta,
uma luz parece vir de dentro delas...*

*Virá dessa chama que pouco a pouco, longamente,
vieste alimentando na terrível solidão do mundo,
como quem junta uns gravetos e tenta acendê-los
contra o vento?*

*Ah! Como os fizeste arder, fulgir, com o milagre das
tuas mãos!*

*E é, ainda, a vida que transfigura as tuas mãos
nodosas...*

*essa chama de vida – que transcende a própria vida
... e que os Anjos, um dia, chamarão de alma.*

(Mário Quintana: As mãos de meu pai)²⁵ ☺

24 CARVALHO, Renata Cruz de. *A vida secreta das plantas*. Disponível em: <A Vida Secreta das Plantas – Renata Cruz e Carvalho - Grupos.com.br>

25 QUINTANA, Mario. *As mãos de meu pai*. In: QUINTANA, Mario. *Melhores poemas*; seleção Fausto Cunha. São Paulo: Global, 2003,



Envelhecer com qualidade e o conceito multifuncional aplicado ao esporte

[Artigo 2, páginas de 22 a 37]





**Diolino Pereira
de Brito**

Instrutor de atividades físicas do Sesc São Caetano. Mestre em Ciências da religião pela Faculdade de Filosofia e Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo.

email: diolino@scaetano.sescsp.org.br



RESUMO

Por meio de pesquisa empírica, procuramos apontar alternativas eficazes no enfrentamento do isolamento durante o processo de envelhecimento, que pode levar ao sedentarismo e à exclusão. Como alternativas, enquanto modalidade física, a capoeira e o karatê, ancorados no método de Ginástica Multifuncional (GMF), do Sesc São Paulo, podem ser excelentes ferramentas neste processo. Nesta pesquisa, analisamos dez alunos, sendo oito mulheres e dois homens, inseridos no programa GMF, na unidade do Sesc São Caetano, durante trinta meses. Os alunos foram submetidos a treinos variados, nos quais deveriam responder um questionário, relatando como se sentiam. Entrevistas em vídeo procuraram mostrar uma correlação do grau de satisfação percebido durante a permanência com o grupo e se houve algum fator físico e/ou emocional positivo no período.

Palavras-chave: Capoeira; Karatê; Multifuncional.

ABSTRACT

By means of an empirical research, this study points effective alternatives in coping with isolation during the process of aging, which may lead to social exclusion and to a sedentary lifestyle. As an alternative physical practice, capoeira and karate, based on the Sesc São Paulo's multifunctional fitness method, can be excellent resources in this process. In this research, we have analyzed, for thirty months, ten students (eight women and two men) enrolled in the multifunctional fitness classes at the Sesc São Caetano unit. The students were submitted to different training practices in which they had to answer a survey describing how they felt. Video interviews aimed to show how satisfied they were while staying with the group, as well as if there were any positive physical and/or emotional factors during the period.

Keywords: Capoeira; Karate; Multifunctional fitness.

INTRODUÇÃO

ENVELHECIMENTO COM QUALIDADE E ATIVIDADE FÍSICA

Conforme Souza (2010), pesquisas envolvendo o comportamento humano sinalizam positivamente para os efeitos da ginástica e do esporte na manutenção da saúde do praticante. Embora o homem precise de elementos como: relações familiares e sociais, manutenção do *status* financeiro, entre outros, a prática de uma atividade física influencia diretamente no seu bem-estar e qualidade de vida, especialmente para uma velhice saudável.

Preocupação que não é recente. Desde 1963, por exemplo, o Sesc - Serviço Social do Comércio¹ volta sua atenção para as questões sobre o envelhecimento, nas quais, sistematicamente, e de maneira pioneira, inova, tanto propiciando ações socioculturais voltadas a essa população quanto desenvolvendo metodologias esportivas que favorecem a participação da pessoa idosa e dos comerciários em geral.

Miranda (2015) afirma, de acordo com o termo gerontologia, estruturado a partir de 1903, que “o processo de envelhecimento tornou-se objeto de investigação e, por tratar-se de fenômeno complexo, passou a exigir um olhar multidimensional”. Com base nesses fatores, abordaremos nesse artigo o programa de Ginástica Multifuncional² desenvolvido pelo Sesc São Paulo, cujo objetivo consiste em melhorar a qualidade de vida do praticante, além de possuir na transversalidade de temas não convencionais e nas práticas do esporte e lazer, referências importantes nas ações voltadas ao cidadão idoso.

Segundo Penatti e Gobbo (2015), o alerta para os cuidados com esse nicho da sociedade torna-se mais relevante ao observamos dados do Censo de 2010, divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia (IBGE), que apresentam aumento na população idosa do Brasil, que passou de 4,8% em 1991, para 7,4% em 2010; estimando-se que, em 2050, a população idosa mundial poderá ultrapassar o número de crianças com menos de 15 anos.

Nessa perspectiva, Souza (2010) afirma que para envelhecer com qualidade é necessário um programa de conscientização da população, no tocante a mudança de hábitos. Nesse sentido, a prática do esporte mostra-se uma excelente opção. Para o cidadão a conscientização sobre a prática do esporte pode refletir no bem-estar e na qualidade de vida e significar maior autonomia. Segundo a autora, nesse caso, o conceito de bem-estar diz respeito a um conjunto de estratégias que procuram orientar a coletividade para modos de vida saudáveis.

Conforme Matsudo (2000), considerando-se o aumento de idosos inativos, podemos pensar que, aparentemente, os motivos que afastam

1 O Serviço Social do Comércio é uma instituição de caráter privado, de âmbito nacional, criada em 1946 por iniciativa do empresariado do comércio e serviços, que a mantém e administra. Sua finalidade é a promoção do bem-estar social, a melhoria da qualidade de vida e o desenvolvimento cultural de seu público prioritário, o comerciário, e da comunidade em geral.

2 Ginástica Multifuncional, programa de exercícios do Sesc São Paulo, cujo objetivo é o desenvolvimento integral do indivíduo, a aquisição de capacidades físicas e habilidades motoras de maneira integrada, estimulando o participante a ter maior percepção e reconhecimento de sua gestualidade, exercitando o repertório motor e cognitivo de forma criativa, afetiva e social.

Artigo 2

Envelhecer com qualidade e o conceito multifuncional aplicado ao esporte

a população das práticas esportivas são mais convincentes que os apelos da educação física. Embora seja relevante a quantidade de pessoas que praticam alguma atividade física, os estudos sinalizam que, ao envelhecer, muitos indivíduos tornam-se sedentários, menos ativos, e rapidamente os efeitos do sedentarismo são percebidos, principalmente pela diminuição das capacidades físicas e pelas alterações psicológicas, tais como: fragilidade, estresse e depressão.

Concordando com Matsudo (2000), autores como Penatti e Gobbo (2015) acrescentam em seus estudos que *“com o envelhecimento, as alterações psicológicas e físicas são potencializadas, havendo perda da massa óssea e da musculatura, sendo acentuada entre 50 e 80 anos. Bem como, a redução do número e tamanho dos neurônios”*.

Assim, faz-se necessário um olhar mais abrangente sobre as possibilidades de implementos de modalidades esportivas – lutas entre outras atividades – e equipamentos que trabalhem aspectos cognitivos e físicos, preferencialmente integrados, objetivando minimizar a perda da força muscular e da cognição, aspectos que podem precipitar alguma patologia.

ATIVIDADE FÍSICA E O IDOSO NO SESC

O Sesc entende os interesses físico-esportivos como um meio de educação sociocultural, valorizando todos os gêneros de atividades e enfatizando um aumento no nível de participação de sua clientela. A participação deve ser considerada tanto no nível da prática quanto no nível de conhecimento (Sesc São Paulo, 2012).

Segundo Marquez Filho (2003), considerando-se os valores educativos institucionais, os programas de lazer e GMF são ajustados para cada aluno de acordo com sua faixa etária. Tratando-se do idoso, essa preocupação se justifica, pois o envelhecimento consiste num fenômeno individual e singular, que se processa de forma diferente, em ritmos diferentes e em diferentes épocas da vida. O autor ressalta que a velhice não se caracteriza somente por perdas e limitações e, ao pen-



Embora seja relevante a quantidade de pessoas que praticam alguma atividade física, os estudos sinalizam que, ao envelhecer, muitos indivíduos tornam-se sedentários, menos ativos, e rapidamente os efeitos do sedentarismo são percebidos

sarmos em qualidade de vida, é perfeitamente possível o aprimoramento da funcionalidade das capacidades físicas, cognitivas e afetivas.

Essencial para a manutenção da qualidade de vida do idoso, a atividade física pode ser direcionada de várias maneiras, tanto para práticas relacionadas ao esporte quanto para as atividades do cotidiano. Nesse contexto, Sousa (2010) afirma que junto aos esforços dos profissionais da educação física, e da saúde em geral, instituições como o Sesc auxiliam na promoção do envelhecimento saudável. Dessa forma, pensar um programa de atividades para idosos apresenta-se como uma das questões centrais o trabalho do corpo de maneira integral.

Nesse sentido, o programa de Ginástica Multifuncional do Sesc São Paulo, por meio das diversas modalidades que o compõem, pode contribuir quanto aos aspectos psicossociais e suprir as necessidades dos idosos, tanto com relação à sociabilização quanto ao trabalho das capacidades físicas necessárias para a manutenção da funcionalidade.

GINÁSTICA MULTIFUNCIONAL

A Ginástica Multifuncional foi desenvolvida pelo Sesc São Paulo a partir de experiência e estudo do quadro técnico da instituição, por meio de um Programa que entendesse o indivíduo de maneira integral, considerando suas potencialidades e necessidades. Conceitualmente, a multifuncionalidade é uma condição dinâmica na qual há uma contínua integração entre capacidades e habilidades motoras, propiciando aos seres humanos movimentar-se de maneira efetiva e alcançar metas, com a maior eficiência possível, em contextos cada vez mais complexos e dentro de uma perspectiva cognitivo-motora.

Há de se destacar que a ideia de contextos cada vez mais complexos se aplica a indivíduos de todas as idades, porém, o nível de complexidade motora deve sempre ser ajustado (isto é relativo) às condições iniciais de cada um e também progredir de acordo com a evolução de cada indivíduo.

Dessa forma, conforme Ugrinowitsch (2009 apud Sesc São Paulo, 2012) a Ginástica Multifuncional possui como característica básica a utilização de contextos de práticas de exercícios físicos cada vez mais elaborados, por meio de aumento da complexidade dos movimentos realizados, de meios e métodos de treinamento utilizados e da combinação de dois ou três desses fatores.

A partir dos estudos do autor observamos que as adaptações motoras são potencializadas ao priorizarmos a tabela progressiva dos níveis de aptidão física. O trabalho específico desenvolvido com os idosos

Artigo 2

Envelhecer com qualidade e o conceito multifuncional aplicado ao esporte

passou por essa sequência de prioridades: resistência cardiovascular, habilidades motoras complexas, potência muscular, estabilidade do *core*, equilíbrio, flexibilidade, agilidade, velocidade e força muscular.

Com referência às adaptações do sistema locomotor para melhoria da qualidade de vida, Prentice e Voight (2003) recomendam que o praticante experimente múltiplas possibilidades de se movimentar no espaço físico e, com precaução, explore seus limites articulares ao se exercitar corretamente. Dessa forma, o organismo usufruirá das adaptações neurais decorrentes dessas ações, deixando o corpo mais forte para o enfrentamento das tarefas diárias.

Nesse contexto, a capoeira e a GMF, por trabalharem a sobrecarga com o próprio peso corporal do praticante, constituem parte de um leque de modalidades essenciais para adaptação neuromuscular. Conforme Prentice e Voight (2003), existem inúmeras possibilidades de adaptações fisiológicas para se trabalhar o corpo com sobrecarga. Com os efeitos positivos desse trabalho a “força das estruturas contráteis, inclusive de tendões e ligamentos, é ampliada”; fortalecendo os ossos pelo aumento do conteúdo mineral, melhorando a captação máxima de oxigênio; obviamente será preciso intensificar esse tipo de treinamento para obter excelência nos resultados. Havendo também um aumento de diversas enzimas importantes para o metabolismo aeróbio e anaeróbio; ocorrendo essas adaptações, elas contribuirão positivamente para o aumento da força e da resistência muscular e articular.

Sobre a adaptação neuromuscular, Sobotta (1997) afirma que a prática de uma determinada modalidade esportiva, por certo período de tempo, produz alterações em nosso corpo que podem ser explicadas pelo aumento de substâncias orgânicas – como os hormônios que aliviam as dores – ocorridas pela concentração de endorfina mediante um estresse psicofísico. Para a fisiologia, exercícios vigorosos e lúdicos, assim como a corrida, aparecem como uma das principais responsáveis na promoção da substância promotora de tal prazer.

Na proposta do programa na Unidade do Sesc São Caetano³, objeto de nossa pesquisa, a Ginástica Multifuncional engloba a capoeira e o karatê, que podem ser apontadas como atividades promotoras de prazer e bem-estar.

Como exemplo de atividade lúdica, aeróbia e vigorosa, realizada no programa de GMF, podemos citar a ginga da capoeira, constituída por uma sequência de movimentos nos quais o praticante se exercita explorando toda sua criatividade, com os joelhos semi-flexionados ou agachado de cócoras.

3 O Sesc São Paulo possui 36 Centros Culturais e Desportivos em todo Estado de São Paulo. O Sesc São Caetano foi inaugurado em 22 de novembro de 1993. São Caetano do Sul – segundo PNUD/2010 – é a cidade com melhor IDH do Brasil.



Inserir a capoeira e o karatê no programa de Ginástica Multifuncional propicia que cada idoso possa experimentar diversas possibilidades de se movimentar no espaço físico e descubra suas próprias potencialidades.

Na prática de capoeira, outra atividade que destacamos por sua equivalência lúdica e importância é a chamada bananeira (parada de mãos) – quando o praticante permanece com os pés para cima, as mãos no chão e utiliza o próprio peso corporal como sobrecarga. Tratando-se de pessoas muito idosas, essa e outras posições podem ser adaptadas até que o corpo do aluno se ajuste ao exercício solicitado. Assim, a Ginástica Multifuncional, aliada à prática sistemática da capoeira e do karatê, mostra-se eficaz no combate ao sedentarismo em suas distintas faces, ao mesmo tempo que provoca experiências e vivências lúdicas significativas.

Nesse sentido, Ugrinowitsch (2009) destaca a importância de trabalhar o corpo holisticamente, porque não prioriza as partes e sim o todo. Inserir a capoeira e o karatê no programa de Ginástica Multifuncional propicia que cada idoso possa experimentar diversas possibilidades de se movimentar no espaço físico e descubra suas próprias potencialidades.

Ancorado nos preceitos da educação física Silva (apud MARQUEZ FILHO, 2003) ressalta que a atividade física pode servir ao homem como meio preventivo para alguns males provenientes do sedentarismo, por meio de jogos, lazer, recreação (incluimos aqui a capoeira e o karatê). Portanto, o treinamento de GMF proposto para o idoso no Sesc São Caetano, que engloba a capoeira e o karatê, quando aplicado de forma sistemática favorece a manutenção da saúde e da qualidade de vida.

A PESQUISA

O estudo analisa as dificuldades funcionais dos idosos e pretende apontar soluções, por meio de estratégias eficientes, para melhoria da saúde, como: auxiliá-lo na recuperação da força de membros inferiores e aparelho locomotor; na execução de funções básicas de sentar e levantar de uma cadeira; ter o prazer de sentar no chão, levantar-se, entre outras atividades simples da vida diária, que podem ocasionar afastamento do convívio social, levando o indivíduo ao isolamento, ao desânimo, potencializando o sedentarismo.



A Ginástica Multifuncional, a capoeira e o karatê, por sua diversidade de gestos e possibilidades, contemplam treinos aeróbios, treinos com bases instáveis, sobrecarga com elásticos, cordas, equipamentos, coordenação, obstáculos, entre outros elementos.

Essa pesquisa segue conceitos e parâmetros da educação física a partir da vivência de elementos corporais intrínsecos da gestualidade da Capoeira. Buscando ampliar as possibilidades de experimentação motriz inserimos elementos do karatê. Para tanto, a pesquisa encontra referência no programa de Ginástica Multifuncional do Sesc São Paulo.

Conforme Brito (2007), a capoeira, um esporte desenvolvido no Brasil, referencia-se nos gestos de alguns animais: gato, camaleão, macaco, mula, bode, beija-flor entre outros; caracterizando-se pela forma de lutar pela sobrevivência desses animais em contato com a natureza.

Ao trabalhar com o público idoso, não é difícil perceber, em alguns indivíduos, a dificuldade na locomoção, a falta de equilíbrio e a perda de força ao sentar e levantar. Contudo, ao se integrarem ao programa de GMF e vivenciar tarefas como a capoeira, o karatê e as múltiplas possibilidades de treinamento, em pouco tempo apresentam gestos mais seguros e, aparentemente, tornam-se mais confiantes.

A partir dessas observações, intensificamos a possibilidade de uma proposta na área físico-esportivo, capaz de suprir déficits motores apresentados pelos alunos praticantes. Porém, seria necessário encontrar meios de quantificar os reais benefícios do programa, pois, inserir a capoeira no Programa de Ginástica Multifuncional, ainda implica na ausência de protocolos.

A busca por resultados nos diversos métodos de treinamento de força e aeróbios em variadas faixas etárias, já se encontra num estágio bem avançado e algumas pesquisas sinalizam para os avanços dos benefícios desses métodos e programas. No entanto, aquelas que apontam resultados de treinos relacionando exercícios multifuncionais, capoeira, karatê e envelhecimento, ainda estão em estágio inicial.

A Ginástica Multifuncional, a capoeira e o karatê, por sua diversidade de gestos e possibilidades, contemplam treinos aeróbios, treinos com bases instáveis, sobrecarga com elásticos, cordas, equipamentos,

coordenação, obstáculos, entre outros elementos. Nesse sentido, verificamos, no decorrer de três anos, os resultados desse tipo de treinamento em praticantes de capoeira e karatê, ancorados na Ginástica Multifuncional.

Como ponto principal para nossas observações procuramos analisar os resultados a partir de uma ruptura com o método de musculação convencional, citado por Fleck e Kramer (2006), no qual o praticante é isolado numa máquina.

Moreira (1984) – quando se refere à alienação humana frente às modernidades do mundo globalizado, no qual os mecanismos de usurpação da expressão conduzem cada ser para total passividade e inércia eminente do senso crítico – salienta que a prática física realizada com prazer, cujo condicionamento físico balanceia-se ao psicológico, pode levar o praticante ao estímulo de pensamentos positivos favoráveis à saúde.

Condições amplamente contempladas na Ginástica Multifuncional e em seu amplo leque de possibilidades.

1.1 OBJETIVOS

- Analisar a autopercepção relativa à coordenação motora global e aos reflexos de reação, mediante ao estímulo físico.
- Sob a percepção do avaliado, mensurar a capacidade de escolhas, a melhora do gesto, da postura e da autoestima.

MATERIAL E MÉTODO

O estudo pautou-se no programa de Ginástica Multifuncional desenvolvido pelo Sesc São Paulo, realizado na unidade do Sesc São Caetano, no qual avaliamos 10 alunos, oito do sexo feminino e dois do sexo masculino. A média de idade do grupo, 67, 2 anos; média de peso, 63,4kg; média de altura de 1,66 metros.

Na fase de adaptação dividimos o treinamento em quatro etapas de 10 minutos, com grau de complexidade e cargas progressivas durante 30 meses. Os avaliados treinavam no horário entre 9h e 10h – com



Moreira (1984) salienta que a prática física realizada com prazer, pode levar o praticante ao estímulo de pensamentos positivos favoráveis à saúde.

Artigo 2

Envelhecer com qualidade e o conceito multifuncional aplicado ao esporte

exercícios aeróbios, habilidades motoras complexas, potência, estabilidade do *core*, equilíbrio, flexibilidade, agilidade, velocidade, força muscular; variáveis ou capacidades físicas intrínsecas à prática da Ginástica Multifuncional bem como meditação, ginga (expressão corporal feita de improviso) capoeira e kata (simulação de luta) do karatê.

O período de treino ocorreu de fevereiro a dezembro de cada ano, a partir de 2012, com os treinos prescritos, aplicados e avaliados pelo mesmo professor. Como parâmetro para análise e “comparação” no processo de avaliação, determinou-se que seriam utilizados exercícios de sentar e levantar da cadeira, testes de equilíbrio e de deslocamentos (caminhando) com e sem obstáculos.

Adotamos como parâmetro: a relevância de dados comparativos, a própria percepção que o indivíduo possui de si em relação a sua autoimagem corporal, sua relação com o grupo e sua percepção de mundo; observamos sua melhora cardiorrespiratória, por meio de esforço vigoroso analisando os resultados mensurados pelo tempo em deslocamento (andar) entre bases; o sentar e levantar da cadeira; sentar e levantar do solo com ou sem apoio das mãos; vestir e tirar uma camiseta; transpassar obstáculos instáveis e estáveis; avaliando também a memorização e a coordenação, por meio de exercícios físicos ensinados e assimilados.

A respeito do teste de autoimagem, optamos por não utilizar o teste de Steglich (1978 apud SILVA et al., 2005), já protocolado, porém inadequado aos nossos objetivos sobre o grupo que pesquisamos. Da mesma forma, por opção, não utilizamos os testes de Tinetti (apud SILVA et al., 2005). Utilizamos duas variáveis (leve/intenso) da escala de Gunnar Borg no processo de treinamento (apud SILVA et al., 2005).

ANÁLISE DE DADOS

Por meio de testes e entrevistas em vídeo, verificamos, em nosso estudo com 10 idosos participantes do Programa de Ginástica Multifuncional: o processo de aprendizagem motora, a percepção ou as sensações de ganho cognitivo que, nas relações sociais, podem influenciar o aluno em tomar decisões, melhorar a força e a mobilidade articular, podendo ser percebida no ato de se vestir, sentar, levantar ou vestir-se com autonomia.

Obtivemos os resultados por meio de imagens em vídeo e depoimentos, em razão da ausência de um protocolo único, capaz de suprir as necessidades da pesquisa; os resultados foram representados também por porcentagem.

Os números abaixo correspondem às perguntas do questionário realizadas a partir da transcrição das respostas dos avaliados.

1. Sentimento depressivo: inicialmente seis alunos sentiam-se angustiados em certos momentos; ao final, somente dois apresentaram algum sinal de isolamento;

2. Coordenação motora: 90% dos alunos atingiram o objetivo. Como efeito de comparação, ao estágio inicial, arquivamos as imagens do processo de treinamento, nas quais os avaliados foram submetidos a desafios e ao cumprimento de tarefas de níveis de complexidade variados. Como exemplo, podemos citar o kata, uma luta imaginária com 21 movimentos. Assim como executam os chutes e as defesas da capoeira e do karatê, sabem a ginga, tocam pandeiro, berimbau e tambores;

3. Ação e reação: partindo de uma posição em pé, com pés paralelos simétricos, ao comando do professor, o aluno deveria avançar três passos, nesse movimento podemos observar a percepção ou a resposta (motora) auditiva; consistiu no exercício que apresentou o menor resultado; em alguns casos demorando até dois segundos para a resposta motora, ou seja, avançar, havendo diferença positiva de 55% na média do grupo;

4. Tomada de decisão: com base nos depoimentos dos entrevistados, o aumento na tomada de decisão representou 90%, como forma de comparação verificamos a percepção e a ação frente ao desafio. O aluno em estado de alerta, (em pé, uma perna à frente da outra) quando atacado imediatamente executava uma reação defensiva; diferentemente do processo inicial, quando não havia noção da região do corpo a ser protegida;

5. Sensação de prazer: com base nos depoimentos, a melhora alcançou 100%, podendo ser medida, a partir da assiduidade nas aulas, da relação com os colegas e sem queixas de problemas familiares, doenças ou falar de morte;

6. Estresse: segundo depoimentos o nível de estresse diminuiu 90%; porcentagem que corresponde à média dos alunos que reduziram a ida aos centros médicos. Como meio de comparação, ao ser submetido ao estresse de lutar com o outro essa porcentagem se confirma. Sentindo-se mais seguro psicologicamente; o aluno mostrou-se mais tolerante na relação com o outro, na aprendizagem de movimentos corporais novos, nos cânticos ao tocar instrumentos ou tomando a iniciativa de cooperar com o colega;

7. Retenção de informação: como meio de mensurar aspectos positivos, citamos como referências a observação por meio de vídeo, o



Acreditamos que esses resultados estejam intrinsecamente correlacionados ao vasto leque de exercícios de caráter cognitivos/esportivos que integram o Programa de Ginástica Multifuncional

desenvolvimento contínuo desse processo, o aprendizado harmonioso de três katares, totalizando 60 movimentos, coreografados. Defesas e chutes falados na língua japonesa, alguns toques de percussão com quatro instrumentos – berimbau, pandeiro, agogô e atabaque;

8. Concentração: inicialmente mostravam-se dispersos mesmo durante o relaxamento, no qual deveriam permanecer deitados, imóveis. Ao final, apenas dois não permaneciam mais de cinco minutos imóveis;

9. Velocidade: variação positiva em 60%, mensurada por meio de prova contra o relógio, quando o aluno deveria andar durante 20 minutos, virar e retornar; aplicamos o teste aplicado em sala de aula (início 18 segundos; final 10,8 segundos).

10. Equilíbrio: teste no qual o aluno deveria permanecer em pé, imóvel. No início, a média dos alunos foi de 10 segundos e ao final, de 17 segundos. Houve resposta positiva de 70% no teste de sentar e levantar em 30 segundos. A média inicial do grupo, 12 repetições, subiu para 17 repetições ao final da pesquisa. No teste de vestir a camiseta a média do grupo correspondeu a 12 segundos e no teste de vestir e tirar a camiseta a média do grupo representou 18 segundos.

ALGUMAS REFLEXÕES

Com base nos dados apresentados, a pesquisa indicou que a locomoção humana pode ser aprimorada. Acreditamos que esses resultados estejam intrinsecamente correlacionados ao vasto leque de exercícios de caráter cognitivos/esportivos que integram o Programa de Ginástica Multifuncional; e pelo fato de que as fibras musculares são solicitadas a executar as mais distintas tarefas do sistema motor, bem como apropriar-se das técnicas corporais inatas do karatê/capoeira, com gestuais desafiadores e complexos, que podem oxigenar e potencializar as funções cerebrais, refletindo positivamente em todo o sistema orgânico do praticante.

Nesse sentido, Powers e Holey (2000) destacam que adaptações neurais relacionadas a aprendizado, coordenação e capacidade de recrutamento das fibras, possuem papel importante no ganho de força. Como parâmetro, em oposição ao treino em máquinas como *leg press*, utiliza-se a mesma carga nas fases excêntrica e concêntrica.

Andrade e Matsudo (2010) destacam que a potência muscular e a força explosiva, produzidas com treinamento isoinercial, seriam capazes de representar de forma mais adequada as adaptações na capacidade funcional no envelhecimento. Nesse sentido, durante o treino de força muscular explosiva o treino privilegia tanto as forças concêntricas (quando o músculo se encurta) quanto as excêntricas (quando se alonga).

Essa representa a proposta do treinamento isoinercial, pois esse tipo de treinamento também parece promover uma ativação neuromuscular que protege os músculos nas tarefas sinérgicas e complexas do esporte. Salientamos que em nosso estudo utilizamos estações de cabos e outros aparelhos que, ajustados, possibilitaram aproximação das cargas nas duas fases.

Com isso, as sessões de Ginástica Multifuncional, ao explorar as diversas possibilidades de implementos e/ou de aparelhos distintos, mostra-se eficiente no fortalecimento ósseo e muscular das pessoas idosas, de forma a ajustar e aprimorar os padrões de locomoção e mobilidade; tornando-se perceptível nas atividades da vida diária do idoso que pratica a GMF: sentar e levantar da cadeira, vestir-se além de andar com mais controle e segurança em cada passo.

Certamente, tais mudanças vinculam-se às ações que trabalham o indivíduo de uma maneira integral, não priorizando tarefas, e sim estimulando-os a novos desafios. Nesse programa, o idoso não é visto como incapaz, mas como um ser em constante processo de transformação que, bem orientado, viverá bem cada fase de sua vida.

Diante dos constantes desafios propostos no Programa de GMF do Sesc São Paulo, a estrutura física dos idosos poderá ser fortalecida integralmente, o que possibilita aumento da autonomia para um envelhecimento ativo. Ao iniciar o programa, o idoso se verá diante de novos desafios e do lúdico, ao qual se associa o trabalho vigoroso, necessário para sua faixa etária. Noutros momentos, as capacidades físicas serão estimuladas por meio de exercícios complexos – ataques e defesas do karatê e ginga da capoeira, por exemplo.

Nesse sentido, Sobotta (1997) ressalta que a prática de determinada modalidade esportiva realizada por certo período de tempo, refletirá

Artigo 2

Envelhecer com qualidade e o conceito multifuncional aplicado ao esporte

no corpo por meio de alterações causadas pelo aumento de substâncias orgânicas, como os hormônios, que aliviam as dores, e pela concentração de endorfina mediante um estresse psicofísico.

Conforme Sobotta (1997), os exercícios vigorosos e lúdicos e a corrida aparecem entre os principais responsáveis na promoção da substância ativadora de prazer; características similares também podem ser encontradas na prática da ginástica multifuncional, na capoeira e no karatê.

Nessa perspectiva, podemos afirmar que no Programa de Ginástica Multifuncional cada idoso pode experimentar diversas possibilidades de se movimentar no espaço físico: o treinamento proposto para o idoso, quando aplicado de forma sistemática, surte efeitos significativos.

O lúdico, inserido no programa GMF, e o prazer, aliado à prática física de escolha de cada aluno, parecem ser determinantes, influenciando diretamente nos resultados encontrados nesse estudo. Nesse caso, os resultados, correspondem à média de idade do grupo, igual a 67, 2 anos, cuja aluna mais jovem estava com 53 anos e a mais velha com 84 anos.

Reiteramos que a motivação inicial de nossa pesquisa consistiu em entender, mesmo que subjetivamente, como o idoso se percebe socialmente e como se insere numa sociedade em constante transformação. Na ausência de um protocolo único que suprisse as questões de nossa pesquisa, optamos por organizá-la de acordo com as necessidades básicas do cidadão urbano, considerando-se os meios que conduzam o idoso a melhorar a qualidade de vida e que possam servir de referência para novas pesquisas. ☺

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BACURAU, R. F. et al. [2009]. Acute effect of a ballistic and a static stretching exercise bout on flexibility and maximal strength. *Journal of strength and conditioning research. National Strength & Conditioning Association*, v. 23, n. 1, 304-308 (doi: 10.1519/JSC.0b013e3181874d55)
- BRITO, D. P. *A Capoeira de Braços para o Ar: um estudo da capoeira gospel no ABC paulista*. São Bernardo do Campo, SP: Umesp, 2007.
- FLECK, S. J.; KRAEMER, W. J. *Fundamentos do treinamento de força muscular*. 3.ed. Porto Alegre: Artmed. S.A., 2006.
- GONTIJO, S. *Envelhecimento Ativo: uma política de saúde*. Brasília, DF: Organização Pan-Americana da Saúde, 2005.
- MARQUEZ, FILHO, Ernesto. M. *Atividade Física no Processo de Envelhecimento. A Terceira Idade: Estudos sobre envelhecimento*, São Paulo: Sesc, 2003.
- MATSUDO, Sandra. M. *Relação da força explosiva e potência muscular com a capacidade funcional no processo de envelhecimento: Revista Brasileira de Medicina do Esporte*, vol. 16, n. 5, Niterói, 2010.
- MATSUDO, Sandra. M. *Avaliação do Idoso: Física & funcional*. 2ª ed. Londrina: Midiograf, 2004.
- MIGUEL, Diego. *A Prática Teatral no Envelhecimento: Um Caminho para o autoconhecimento, para a autonomia e para a inclusão social. A Terceira Idade: Estudos sobre Envelhecimento*, Sesc-SP, v. 23, n. 55, 2012. Disponível em: <https://www.sescsp.org.br/files/edicao_revista/d9320b3c-2b6c-45bb-a00d-aaf9e7515728.pdf>
- MINAYO, Maria Cecília S. *Visão Antropológica do Envelhecimento Humano*. In: *Velhices: reflexões contemporâneas*. São Paulo: Sesc São Paulo; PUC-SP, 2006.
- MIRANDA, Danilo. S. - *Velhices e a práxis. Mais 60 – Estudos sobre Envelhecimento*, Sesc-SP, 2015, v. 26, n. 63, p. 6.
- MOREIRA, S. B. *O Povão está correndo*. Rio de Janeiro, Sprint, n. 2, 1984, p. 22.
- PENATTI, V. V.; GOBBO, L. A. *O impacto dos treinamentos com peso, aeróbio, de flexibilidade e de equilíbrio na aptidão funcional e qualidade de vida dos idosos. Mais 60, Estudos sobre envelhecimento*, Sesc-SP, 2015, v. 26, n. 63, p. 32-49.
- POWERS, S. K.; HOWLEY, E. T. *Fisiologia do Exercício: Teoria e Aplicação ao Condicionamento e ao Desempenho*. São Paulo: Manole, 2000.
- PRENTICE, W.E & VOIGHT, M.L. *Técnicas em reabilitação musculoesquelética*. Porto Alegre, Artmed Editora, 2003.
- SERVIÇO Social do Comércio – Sesc São Paulo. Gerência de Desenvolvimento Físico Esportivo – GDFE *Ginástica Multifuncional*. Projeto de Atualização e Aprimoramento do Programa de Ginástica do Sesc-São Paulo, 2012.
- SILVA, Andressa da et al. *Equilíbrio, Coordenação e Agilidade de Idosos Submetidos à Prática de Exercícios Físicos Resistidos*. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbme/v14n2/o1.pdf>>.
- SOBOTTA, Johannes. *Atlas de Anatomia Humana*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1997. v. 1.
- SOUZA, M. A. C (org.). *Esporte para idosos*. São Paulo: Sesc, 2010.



Meu Museu: espaço de memórias compartilhadas

[Artigo 3, páginas de 38 a 51]



Milene Chiovatto

Coordenadora do Núcleo de Ação Educativa da Pinacoteca do Estado de São Paulo. Graduada em Artes Plásticas pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, mestre em Ciências da Comunicação – Sociologia da Arte pela ECA/USP. É conselheira do Instituto Arte na Escola e coordenadora do Núcleo de Ação Educativa da Pinacoteca desde 2002.

mchiovatto@pinacoteca.org.br

Gabriela Aidar

Coordenadora dos Programas Educativos Inclusivos do Núcleo de Ação Educativa da Pinacoteca do Estado de São Paulo. Graduada em História pela USP, especialista em Estudos de Museus de Arte pelo MAC/USP e em Museologia pelo MAE/USP. Obteve o título de Master of Arts in Museum Studies pela Universidade de Leicester, na Inglaterra, com revalidação pelo Programa de Mestrado em Museologia da UNIRIO. É membro do Conselho de Administração do ICOM Brasil (Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus)

gaidar@pinacoteca.org.br

Aline Stivaletti

Assistente de Coordenação do Programa Meu Museu do Núcleo de Ação Educativa da Pinacoteca do Estado de São Paulo. Graduada em Comunicação Social pela Unesp, com Master em Mediação Cultural pela Universidade Sorbonne Nouvelle, de Paris. Já atuou nos educativos do Centro Nacional de Artes Plásticas da França, do Fundo Regional de Arte Contemporânea de Paris e no Museu da Imagem e do Som de São Paulo.

meumuseu@pinacoteca.org.br



RESUMO

O artigo apresenta o *Programa Meu Museu* do Núcleo de Ação Educativa da Pinacoteca do Estado de São Paulo, atua desde 2013 no atendimento especializado ao público idoso, em sua ampla variedade. Além de visitas educativas modeladas para interesses e demandas deste público, o programa desenvolve parcerias para ações continuadas com instituições voltadas a este público, curso de formação destinado a profissionais que atuam com idosos, que discute as especificidades dos processos educativos inclusivos com esta faixa etária, e publicou um folder de caráter mnemônico para incentivar a participatividade deste perfil de visitante. Em 2015, expandindo os conhecimentos, construídos internamente ao museu, o *Meu Museu* iniciou uma ação extramuros numa instituição vinculada à área da saúde, em parceria com o – *Programa Acompanhantes de Idosos Butantã* (PAI), da Secretaria da Saúde, selecionado para estabelecer este diálogo. A intenção consiste em promover, de forma qualificada, uma ação externa ao museu, possibilitando a inclusão cultural e a melhoria da qualidade de vida dos participantes. Ainda em 2015, o *Programa Meu Museu* desenvolveu a ação *Pina +60* em parceria com o *Programa Consciência Funcional*– que atua com os funcionários da Pinacoteca, promovendo atividade aos seus familiares e cuja idade fosse superior a 60 anos.

Palavras-chave: Acessibilidade, Inclusão, Educação, Museus, Idosos.

ABSTRACT

This article presents the My Museum Program which, since 2013, has been providing services especially suited to the widely group of elderly visitors of the Pinacoteca do Estado de São Paulo. Besides providing educational visits designed for the interests and needs of these visitors, the program carries out partnerships for ongoing actions with institutions that work with elderly people, and also gives a training course for professionals which work with the elderly, that discusses the specific factors to be considered in regard to inclusive educational processes with this age group. Moreover, the program has published a mnemonic brochure to encourage the participation of this sort of visitor. In 2015, the My Museum Program began an outreach action, which takes the knowledge put together within the museum and expands it to an institution linked with the health area, selected with a view to establishing this dialogue. The aim is to generate an action outside the museum which fosters cultural inclusion and improved quality of life for the participants. Still in 2015, My Museum Program developed an action in partnership with Staff Training Program, which works with the Pinacoteca's professionals, named Pina +60, comprising an activity for the workers' relatives that were over 60 years old.

Keywords: Accessibility, Inclusion, Education, Museums, Elderly People.

A MORADIA E A DIGNIDADE

A Pinacoteca do Estado de São Paulo está localizada na capital paulista, em cuja região metropolitana residem aproximadamente 19 milhões de habitantes. O museu encontra-se na região central da cidade, em área com boa infraestrutura e oferta de serviços públicos e privados, conquanto repleta de contrastes sociais. Localizado num parque, vizinho de população de baixa renda e de importantes áreas comerciais integra um polo cultural que inclui cinco museus e uma sala de concertos.

Fundada em 1905, a Pinacoteca consiste no mais antigo museu de arte do estado, divide-se em dois edifícios, constituindo-se numa instituição pública pertencente ao governo do estado, todavia gerida pela iniciativa privada. Ocupando os dois prédios que compõem o museu, sua coleção atual supera 10.000 obras, com maior destaque para a arte brasileira desde o século XVIII aos dias de hoje. Sua programação possui duas mostras de longa duração de seu acervo e ampla variedade de exposições temporárias e ações culturais.

No Núcleo de Ação Educativa (NAE) da Pinacoteca do Estado de São Paulo, desenvolvemos programas educativos formulados segundo o perfil do público, dinamizando nossa atuação e modelando-a para cada necessidade dos visitantes. Desta forma, além das costumeiras ações educativas, voltadas a alunos, professores, famílias e público em geral, também desenvolvemos programas para os chamados “não públicos” de museus, aqueles que não frequentam espontaneamente essas instituições. Para isto, o NAE divide-se em duas frentes.

A primeira compreende (i) o *Programa de Atendimento ao Público Escolar em Geral* e os *Programas de Formação de Professores*, os quais, além de monitorar visitas de estudantes, qualificam professores para o uso pedagógico do patrimônio; (ii) o *Pinafamília*, que realiza ações para estimular o convívio familiar por meio da fruição artística e (iii) os *Dispositivos para a Autonomia da Visita* que inserem, nos circuitos das exposições e demais espaços do museu, estímulos à construção autônoma de conhecimento por parte do público, sem a necessidade do educador.

Outra linha de atuação ocorre com os *Programas Educativos Inclusivos*, compreendendo (i) o *Programa Educativo para Públicos Especiais*, que atua com grupos de pessoas portadoras de deficiências e transtornos mentais; (ii) o *Programa de Inclusão Sociocultural*, que desenvolve ações com grupos em situação de vulnerabilidade social; (iii) o *Programa Consciência Funcional*, que atua com os próprios funcio-

nários do museu e (iv) o *Programa Meu Museu*, que desenvolve ações com grupos de pessoas idosas (60 anos ou mais), objeto deste artigo.

Em nossa prática educativa alguns conceitos são norteadores para as ações, em particular aquelas de caráter inclusivo. Um dos conceitos-chave expressa-se na acessibilidade em museus, termo que em seu uso cotidiano costuma ser percebido como sinônimo de ações que promovam o acesso físico a pessoas com deficiências. Entretanto, sabemos que as questões de acessibilidade extrapolam as necessidades exclusivas das pessoas portadoras de deficiências e mais ainda as demandas por acesso físico.

Assim, propomos que a acessibilidade em museus seja compreendida numa perspectiva mais ampla, incluindo a remoção de barreiras que impeçam ou dificultem o acesso de grupos diversos e dividam-se em três esferas, partindo de aspectos mais tangíveis até chegar àqueles de caráter mais subjetivo. São elas: a acessibilidade física propriamente dita, que sobrevém da garantia de circulação e afluxo do público, ou mesmo da liberação do valor do ingresso; a acessibilidade cognitiva ou intelectual, que permite aos visitantes compreender os discursos expositivos; por fim, a acessibilidade afetiva ou atitudinal, que implica desenvolver a identificação com sistemas de produção e fruição, assim como a confiança e o prazer pela inserção no espaço do museu (CHIOVATTO et al. In: SANTOS, 2010, p. 18-21). Se conquistar um espaço fisicamente acessível constitui um desafio à maior parte dos museus, promover o acesso em seus aspectos comunicacionais e atitudinais mostra-se talvez muito mais desafiador, uma vez que envolve escolhas políticas e ideológicas por parte das instituições museológicas.

Outro conceito fundamental à nossa prática concerne à equidade, compreendida como uma igualdade de direitos que considera as particularidades e diferenças dos indivíduos e de suas necessidades, conforme apontado pela Equipe Educação e Comunidade da ONG CENPEC:

O princípio da equidade é tratar de maneira distinta os que não estão em condições de igualdade, exatamente para que sejam construídas relações justas. Em sociedades com longo passado



Assim, propomos que a acessibilidade em museus seja compreendida numa perspectiva mais ampla, incluindo a remoção de barreiras que impeçam ou dificultem o acesso de grupos diversos.

de escravidão, como a brasileira, a sociedade assume papel decisivo na promoção da equidade e redução das desigualdades. Pessoas em desvantagem econômica necessitam de mais recursos públicos do que as economicamente favorecidas para ter garantidos os mesmos direitos, pois foram alijadas do acesso a bens e serviços públicos. Assim como nem toda igualdade é justa quando não considera as diferenças, nem toda desigualdade é injusta quando visa reduzir a iniquidade. Um tratamento desigual é justo quando beneficia os mais vulneráveis. CENPEC/EQUIPE EDUCAÇÃO E COMUNIDADE. In: CARVALHO, 2005, p. 21)

Nesse texto, abordaremos o *Programa Meu Museu*, seu contexto e o trabalho desenvolvido e, a fim de subsidiar o desenvolvimento de nossas ações a partir de dados da realidade, incorporamos também em nossa prática o acompanhamento de pesquisas de público internas, que consideram somente os visitantes, e externas ao museu, observando o público de cultura e os estudos demográficos em âmbito local, estadual ou nacional.

Segundo alguns estudos de públicos, seja dos visitantes de nosso museu, seja do público da cultura e dos estudos demográficos em âmbitos local, estadual e nacional, a expectativa de vida no Brasil – acompanhando tendência mundial – (assim como no resto do mundo) vem aumentando a cada década. No caso brasileiro, havia na década de 1980 uma expectativa de vida média entre homens e mulheres de 62,5 anos; 33 anos depois, em 2013, essa expectativa subia para aproximadamente 74,9 anos (IBGE, 2013, p. 2).

Outra recente pesquisa, realizada em âmbito local, sobre os hábitos culturais dos moradores do estado de São Paulo indica déficit na renda e na escolaridade das pessoas idosas, o que compromete seu acesso à cultura. Segundo essa pesquisa, as pessoas com 60 anos ou mais possuem menor escolaridade (apenas 10% dos respondentes com ensino superior) e conseqüentemente menor renda (27% dos respondentes nas classes D e E – menor extrato socioeconômico). Índices que repercutem em seus hábitos culturais, sendo constatada a



Sobre os hábitos culturais dos moradores do Estado de São Paulo indica déficit na renda e na escolaridade das pessoas idosas, o que compromete seu acesso à cultura.



...um dos principais objetivos e eixos de trabalho do Programa reside em promover o encontro entre as distintas memórias – as particulares e as coletivas – que propicie diálogos interculturais e intergeracionais entre os participantes.

redução da prática de atividades culturais conforme a idade avança. No caso particular da frequência a museus, apenas 17% dos respondentes acima de 60 anos afirmaram ter visitado algum museu no último ano – a maior parte das práticas culturais para essa faixa etária ocorre dentro de suas casas, como assistir a filmes na televisão e ler (LEIVA, 2014, p. 84-85).

No que diz respeito às pesquisas de público internas ao museu, os dados são similares: um levantamento feito pela Pinacoteca em 2012 demonstrou que o público idoso responde pelo menor percentual de frequentadores – na ocasião, apenas 6% de seus visitantes tinham 60 anos ou mais.

Com isso em mente, e respondendo ao nosso desejo de ampliar o atendimento de públicos diversos e sub-representados na instituição, iniciamos em maio de 2013 o *Programa Meu Museu*, que promove ações educativas voltadas a grupos de idosos, pretendendo estimular sua visita à Pinacoteca, fortalecer sua autonomia e estabelecer relações entre suas memórias pessoais e as memórias sociais preservadas pelo museu.

Para sua implementação, partimos do princípio que tínhamos de imediato um ponto em comum: a memória. Sabemos que a velhice traz consigo um acúmulo de vivências e que as memórias de vida nesse contexto assumem predominância existencial. De nossa parte, somos uma instituição de memória condensada nos bens patrimoniais que preservamos, no caso da Pinacoteca, em suas obras de arte. Dessa forma, um dos principais objetivos e eixos de trabalho do Programa reside em promover o encontro entre as distintas memórias – as particulares e as coletivas – que propicie diálogos interculturais e intergeracionais entre os participantes, a fim de fortalecê-los como sujei-

tos ativos. A percepção de memória se aproxima daquela referenciada por Hannah Arendt, “pois memória e profundidade são os mesmos, ou antes, a profundidade não pode ser alcançada pelo homem a não ser através da recordação” (ARENDR, 1997, p. 131).

Um conceito importante nesse sentido é o de envelhecimento ativo, conforme proposto pela Organização Mundial de Saúde: “se quisermos que o envelhecimento seja uma experiência positiva, uma vida mais longa deve ser acompanhada de oportunidades contínuas de saúde, participação e segurança”. Nesse documento, a ênfase dada ao envelhecimento ativo, no que diz respeito à autonomia, independência e qualidade de vida, nos interessa, pois trata de aspectos que podem ser amplamente trabalhados no contato educativo com os museus e outras instituições culturais (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2005, p. 13-14).

Para isto, o *Programa Meu Museu* desenvolve as seguintes ações: parcerias e visitas educativas continuadas e/ou pontuais a grupos de idosos; curso anual de formação para educadores e outros profissionais que desenvolvam projetos socioeducativos junto a idosos; ação extramuros continuada; e material educativo impresso para os participantes das ações.

As visitas educativas podem ser pontuais ou continuadas (para as quais damos preferência). Em ambos os casos, são estruturadas a partir das demandas e perfil de cada grupo. Neste sentido, é importante apontar que os grupos atendidos pelo *Programa* possuem em comum apenas o fato de terem 60 anos ou mais, uma vez que costumam ser bastante diversos em sua condição socioeconômica, de saúde, escolaridade, experiências de vida etc.

Ao longo de seus quase dois anos e meio de atuação, o programa atendeu ampla variedade de pessoas idosas, recebendo desde aquelas institucionalizadas, com pouco ou nenhum vínculo familiar ou com implicações de saúde, tais como mobilidade reduzida, perda parcial da visão e audição, e mesmo com processos de demência, até grupos independentes e autônomos, com renda familiar alta e extenso acesso à cultura. Esta variedade de perfis ao mesmo tempo em que representa um desafio à equipe do *Programa*, implica numa riqueza de possibilidades de trabalho.

Nesse contexto, as visitas ao *Programa Meu Museu* almejam estimular as memórias dos idosos visitantes por meio de obras presentes nas exposições da Pinacoteca. Exemplo disso ocorre com um dos percursos realizados nas visitas educativas do programa, no qual trabalha-se, entre outras, a pintura *O violero* (1899), do artista brasileiro Almeida

Artigo 3

Meu Museu: espaço de memórias compartilhadas

Júnior. Nessa obra, o artista apresenta uma cena cotidiana do interior paulista da época, tendo como cenário a janela de madeira de uma casa de pau a pique, construção típica dessa região.

É possível observar nessa tela a figura de um caipira sentado no peitoril e encostado no batente esquerdo da janela, vestindo camisa xadrez, calça clara, chapéu e tocando uma viola. Na mesma cena, há uma mulher encostada do lado direito da janela, na parte de fora da casa, vestida da mesma forma simples que o homem, traz no pescoço um lenço vermelho e branco, que segura pelas pontas com as duas mãos. Ao mesmo tempo em que escuta a moda de viola, a mulher parece cantar com o violeiro, sugerindo uma cena descontraída do cotidiano dessas pessoas.



Grupo de pessoas com mais de 60 anos em visita educativa à Pinacoteca
Foto: NAE (Núcleo de Ação Educativa da Pinacoteca)

Diante dessa obra, os idosos são estimulados pela equipe do *Meu Museu* a compartilharem vivências relacionadas a esse cotidiano do interior paulista – e de outras regiões brasileiras, uma vez que grande parte da população urbana de São Paulo possui suas origens ligadas ao cenário rural do estado. Grande parte dos idosos associa cenas de

serestas e músicas de viola com suas lembranças pessoais em residências como a de pau a pique retratada no quadro.

Diversas músicas já foram entoadas espontaneamente por grupos de idosos diante dessa obra, introduzindo na silenciosa sala de exposição do museu as memórias sonoras dos visitantes. Exemplo disso ocorreu numa visita com um grupo de idosas de uma instituição religiosa. Duas senhoras, assim que se depararam com a pintura, emocionadas pela obra, começaram a cantar a música *Galopeira* (1957), de Maurício Cardoso Ocampo. Ao final da canção, o grupo todo estava com lágrimas nos olhos, tamanha havia sido a emoção daquele momento espontâneo. Ao estimular este tipo de relação com a obra, considera-se o repertório pessoal de cada idoso, em congruência com a afirmação de Johannes Doll:

As atividades desenvolvidas pelas pessoas idosas precisam ter um significado vital, dependendo da biografia e das condições de vida de cada um. [...] Para que uma atividade seja significativa, ela precisa ter algum vínculo com a identidade da pessoa: profissão, biografia, metas, ideias, valores. (DOLL. In: NERI, 2005, p. 111)

A pluralidade e a heterogeneidade do perfil de idosos se reflete na composição dos grupos atendidos pelo *Meu Museu*, que podem ser: serviços vinculados a organizações sociais de assistência social ou saúde, ONGs, associações esportivas ou religiosas, centros culturais e de convivência, entre outros.

Como desdobramento das visitas educativas ao museu, ainda em 2013, elaboramos um material impresso de caráter poético e mnemônico para incentivar a participatividade dos visitantes tanto durante quanto depois da visita ao museu.

Este material é um recurso impresso que, quando usado durante a visita, estimula as memórias pessoais dos idosos que dialogam com a obra *O violeiro* (1899), de Almeida Junior. Além da imagem da obra, há também uma poesia e questões para serem compartilhadas com o grupo, relacionadas com a representação do cotidiano do interior paulista. Em uma visita realizada em maio de 2014, o poema presente neste material se tornou um vetor para que um dos idosos do grupo recitasse uma poesia de sua autoria diante dos demais, proporcionando a todos um momento de emoção e também de empoderamento a esse idoso. Como exemplo da permanência na memória provocada pelo estímulo desse recurso, o mesmo idoso retornou em outra visita poste-

riormente trazendo uma brochura com todos os seus poemas e aproveitou a oportunidade para declamar mais um texto de sua autoria.

Outro material desenvolvido pelo *Programa Meu Museu*, a partir da prática das visitas educativas, relaciona-se com o eixo temático da autoimagem do idoso. A abordagem deste assunto originou-se da percepção da resistência por parte dos idosos em se reconhecerem e se relacionarem com as obras do gênero retrato em exposição de longa duração do museu.

A partir desta observação, elaboramos uma atividade plástica que dialogasse com a temática do retrato e do autorretrato, com diferentes carimbos de elementos do rosto – nariz, boca, olhos, entre outros. O carimbo foi escolhido por partir da vantagem de atingir aqueles que se sentem intimidados pelo desenho e, também, por incluir os idosos que possuem baixa motricidade (por questões decorrentes de problemas de saúde). Assim, a atividade contempla a autopercepção e a percepção do outro, por meio de um recurso não intimidatório.

Trata-se de abordagem pertinente com o público idoso, considerando os estereótipos sociais que pesam sobre o processo do envelhecimento e que podem acarretar consequências negativas ao idoso, como exemplifica Anita Liberalesso Neri: “a exclusão produzida por atitudes, preconceitos e estereótipos limita o acesso dos idosos aos recursos sociais e lhes acarreta isolamento, senso de inferioridade, baixo senso de auto-eficácia” (NERI, 2007, p. 44).

Desde seu início, o *Programa* também atua na formação de educadores e outros profissionais que trabalham com idosos, mediante curso de formação anual chamado *Idosos e o museu: possibilidades educativas*, cujo principal objetivo consiste em subsidiar os participantes para a compreensão das potencialidades socioeducativas dos museus, além de qualificar sua prática junto aos idosos a partir de conteúdos e abordagens da arte, da cultura e do patrimônio.



“a exclusão produzida por atitudes, preconceitos e estereótipos limita o acesso dos idosos aos recursos sociais e lhes acarreta isolamento, senso de inferioridade, baixo senso de auto-eficácia” (NERI, 2007, p. 44).

O curso possui edições anuais para 25 participantes das áreas de assistência social, saúde, educação e cultura, desde que atuem junto ao público alvo do *Programa*. Suas 40 horas/aula, divididas em 10 aulas semanais, detêm caráter teórico-prático e abordam desde temas como gerontologia social e a relação entre patrimônio e velhice, até discussões sobre acessibilidade e educação em museus. Interessa frisar a crescente demanda pelo curso não apenas entre o público alvo, mas também entre profissionais de outros museus e instituições culturais, indicando tendência de crescimento do interesse na implantação deste tipo de projeto em outras instituições culturais do estado.

A partir de abril de 2015, em parceria com o projeto *Programa Acompanhantes de Idosos* criado pela Secretaria de Saúde, o *Meu Museu* iniciou uma ação extramuros objetivando atender idosos vulnerabilizados em seus domicílios, assim como promover espaços de encontro e diálogo entre os mesmos.

A ação se estrutura a partir de encontros quinzenais na instituição de origem do grupo e a cada dois encontros na instituição parceira realiza-se uma visita educativa às exposições da Pinacoteca pertinente às questões trabalhadas com o grupo. No momento, enfatiza-se processos de compartilhamento das memórias do grupo – individuais e coletivas –, tais como recordações sobre o bairro onde moram, vivências nesses locais, memórias que guardam seus objetos pessoais, relacionando-os a exposições e obras da Pinacoteca.

Um exemplo interessante de como essas relações podem se estabelecer se deu na primeira visita do grupo à exposição de longa duração de obras do acervo da Pinacoteca, durante a leitura de imagem da obra *Ventania* (1888), de Antonio Parreiras, que representa uma paisagem com um temporal prestes a cair. Na obra, uma mulher está agachada e encolhida numa estrada de terra, dando a impressão de que está com medo. Ao fim da estrada é possível observar um céu coberto por uma densa nuvem cinza que anuncia a chegada de uma tempestade. Do lado esquerdo de quem observa a tela, há um conjunto de árvores que se curvam diante da ação do vento e, ao seu lado, duas casas. Durante a experiência diante desta imagem, os participantes do grupo espontaneamente relataram as crenças e “simpatias” para se proteger contra os raios e as tempestades, algo comum antigamente no universo rural do país.

Temos aprendido nas diversas ações realizadas que, como discorre Ecléa Bosi sobre a dignidade no processo de envelhecimento, “sua vida (a vida do idoso) ganha finalidade se encontrar ouvidos atentos,

Artigo 3

Meu Museu: espaço de memórias compartilhadas

ressonância” (BOSI, 1994, p. 22). A ação extramuros terá continuidade em 2016 com o mesmo grupo, pois a partir das avaliações realizadas com os idosos e com as equipes do *Meu Museu* e do PAI-Butantã, no final de 2015, percebemos a relevância da ação para os envolvidos e suas potencialidades de desdobramento e aprofundamento.

O *Programa Meu Museu* também participou de uma ação em parceria com o *Programa Educativo para Públicos Especiais*, a fim de atender continuamente, durante um semestre de 2013, um grupo de pessoas com deficiência intelectual e em processo de envelhecimento. Foi uma experiência muito enriquecedora que nos permitiu trocar aprendizados entre as equipes e melhor atender o público alvo.

Em parceria com o *Programa Consciência Funcional*, em setembro de 2015 o *Meu Museu* realizou o *Pina+60*, atividade com o propósito de receber parentes idosos dos funcionários do museu para uma tarde de atividades na Pinacoteca, dispondo de visita educativa à exposição de longa duração, seguida de um café e apresentação musical. A proposta dessa atividade consiste em que o funcionário e seu parente idoso participem juntos da atividade, estimulando seus vínculos, numa perspectiva intergeracional.

Desenvolver um programa específico para o atendimento qualificado aos idosos no museu nos ensina bastante não apenas em termos de desmistificar a unicidade que emprestamos ao termo idoso, percebendo as especificidades que esta faixa etária apresenta; mas principalmente na percepção da importância da criação de oportunidades de participação para este público num mundo cada vez mais voltado à rapidez, à modernidade e à juventude. As ações revelam um público ansioso por participar, por ser ouvido e dispor de um processo de envelhecimento ativo e digno. ➡

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARENDDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 1997.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças dos velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CARVALHO, Maria do Carmo Brandt de (Coord). *Avaliação: construindo parâmetros das ações socioeducativas*. São Paulo: CENPEC, 2005. p. 13-23. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.abong.org.br/bitstream/handle/11465/813/1705.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 28 dez. 2015.
- CENPEC/EQUIPE EDUCAÇÃO E COMUNIDADE. A infância e adolescência no Brasil: a diversidade como meio de promover a equidade. In: CARVALHO, Maria do Carmo Brandt de (Coord). *Avaliação: construindo parâmetros das ações socioeducativas*. São Paulo: CENPEC, 2005. p. 13-23. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.abong.org.br/bitstream/handle/11465/813/1705.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 28 dez. 2015.
- CHIOVATTO, Mila Milene et al. Repensando a acessibilidade em museus: a experiência do Núcleo de Ação Educativa da Pinacoteca do Estado de São Paulo. In: SANTOS, Anderson Pinheiro (Org). *Diálogos entre Arte e Público - Acessibilidade Cultural: o que é acessível e para quem?* Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, v. 3, 2010, p.18-21. Disponível em: <<http://dialogosentrearteepublico.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 28 dez. 2015.
- DOLL, Johannes. "Educação, cultura e lazer." In: *Coleção Velhice e Sociedade*. Campinas, SP: Editora Alínea/SESC, 2005, p.111.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Tábua Completa de Mortalidade para o Brasil – 2013*. Rio de Janeiro, 01 dez. 2013. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/imprensa/ppts/0000019794312112014432701710507.pdf>>. Acesso em: 07 jan. 2016.
- LEIVA, João (Org). *Cultura SP: hábitos culturais dos paulistas*. São Paulo: Tuva Editora, 2014. Disponível em: <http://www.jleiva.com.br/pesquisa_sp/downloads/livro_cultura_em_sp.pdf>. Acesso em: 28 dez. 2015.
- NERI, Anita Liberalesso (Org). *Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo; Edições SESC, 2007.
- SANTOS, Anderson Pinheiro (Org). *Diálogos entre Arte e Público - Acessibilidade Cultural: o que é acessível e para quem?* Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, v. 3, 2010, p.18-21. Disponível em: <<http://dialogosentrearteepublico.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 28 dez. 2015
- WORLD HEALTH ORGANIZATION. *Envelhecimento ativo: uma política de saúde*. Brasília: Organização Pan-Americana de Saúde, 2005. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/envelhecimento_ativo.pdf>. Acesso em: 28 dez. 2015.

4

Os públicos experientes que habitam o Sesc em São Paulo

[Artigo 4, páginas de 52 a 69]





Ioná Damiana de Souza

Assistente Técnica da Gerência de Estudos e Desenvolvimento – GEDES do Sesc São Paulo. Pós-graduada em Pesquisa de Mercado e Comunicação. Socióloga.
iona@sescsp.org.br



Celina Dias Azevedo

Assistente Técnica da Gerência de Estudos e Programas Sociais – GE-PROS do Sesc São Paulo. Doutoranda de Ciências Sociais da PUCSP, discutindo o tema das ações socioculturais para idosos.
celinadias@sescsp.org.br



RESUMO

Neste artigo, a pesquisa *O Trabalho Social com Idosos no Sesc* - realização do Sesc São Paulo em parceria com o Centro Brasileiro de Análise e Planejamento/CEBRAP - é o ponto de partida para identificação do público idoso que frequenta os Centros Culturais e Desportivos do Sesc no estado de São Paulo, considerando-se que pesquisas quantitativas e qualitativas oferecem referências importantes para as ações dos programas sociais e para refletir-se sobre a relevância dos trabalhos. Além do reconhecimento do *Programa Trabalho Social com idosos*, criado em 1963, o perfil socioeconômico, alguns estereótipos e as demandas sociais dos idosos fazem parte deste recorte que propõe reflexões preliminares com outras pesquisas que trazem informações sobre o cidadão idoso em *Idosos no Brasil e Pesquisa Hábitos Culturais dos Paulistas*.

Palavras-chave: Programa Trabalho Social com Idosos; Pesquisa Idosos no Brasil; Pesquisa Hábitos Culturais dos Paulistas; Idosos no Sesc São Paulo.

ABSTRACT

In this article the Trabalho Social com Idosos research - realization of the Sesc São Paulo in partnership with the Centro Brasileiro de Análise e Planejamento/CEBRAP - is starting point for identification of elderly assisted by Sesc São Paulo, considering that quantitative and qualitative research provide important references for the actions of social programs and to reflect on the relevance of the action. Recognition of Trabalho Social com idosos, created in 1963, the socioeconomic profile, stereotypes and social demands of the elderly are part of this reflection proposes a dialogue with other important research that has the senior citizen as the center : Idosos no Brasil and Hábitos Culturais dos Paulistas.

Keywords: social work with elderlies ; Elderly in Brazil ; Cultural Habits of the Paulistas ; Elderlies at Sesc São Paulo.

“[...] através da multiplicidade sucessiva das idades, cada um, sem se dar conta, leva consigo em qualquer idade, todas as idades. A infância, a adolescência não desaparecem na idade adulta mas são recessivas; a infância reaparece nos jogos. A adolescência nos amores e nas amizades; o velho também mantém todas as idades precedentes, e pode mais livremente reencontrar a infância e a adolescência.”

(Edgard Morin)¹

1 MORIN, Edgard. *Meus Demônios*, Bertrand Brasil, 1997. Disponível em <http://edgarmorin.sescsp.org.br/circulo-poético/idade.aspx>. Acesso em 20 abril de 2016

INTRODUÇÃO

Ao longo de mais de meio século de presença no cenário sociocultural, primeiramente de São Paulo e, em seguida nacionalmente, o *Programa TSI – Trabalho Social com Idosos* do Sesc passa por constantes avaliações e reformulações, na intenção de responder às demandas do cidadão idoso visto que importantes mudanças sociais aconteceram nestas décadas desde sua implantação.

Tendo como pressuposto a educação como dispositivo de transformação social, as unidades do Sesc São Paulo oferecem aos velhos um espaço de aprendizado e sociabilização, por meio de atividades para experimentação de linguagens artísticas, trabalho corporal e ações em diferentes campos da cultura.

A pesquisa “*O Trabalho Social com Idosos no Sesc*” – realizada em parceria com o Centro Brasileiro de Análise e Planejamento/CEBRAP - apresenta-se como forma de aprimorar a atuação do Sesc São Paulo no campo sociocultural, uma vez que pesquisas quantitativas e qualitativas oferecem referências importantes para as ações dos programas sociais, para entender as demandas que nos apresentam. Por outro lado, se deparar com a sistematização das respostas desperta para o fato de que as tentativas de padronização podem aprisionar a vida em categorias binárias, ignorando a realidade diversificada que a contemporaneidade, e a experiência de trabalho evidenciam em igual medida.

Na interface das atribuições entre a Gerência de Estudos e Desenvolvimento e a Gerência de Estudos e Programas Sociais foi delineada esta investigação, com a compreensão da relevância do *Programa Trabalho Social com Idosos* – com seus espaços para encontros, trocas afetivas, aprendizado e, principalmente, para promover e

Artigo 4

Os públicos experientes que habitam o Sesc em São Paulo

fomentar a reflexão como forma de resistência a padrões que procuram aprisionar a vida em formatos cristalizados.

Neste artigo, optamos por fazer um recorte de temas que dialogam diretamente com alguns objetivos do *Programa Trabalho Social com Idosos*, e exercitar essa leitura múltipla, instrumentalizada pelas pesquisas, mas também amparada nas discussões atuais do envelhecer, e na observação e diálogo com estes públicos mais experientes – como preferem ser referidos –, conhecidos há pelo menos meio século pela instituição.

**PESQUISA SESC/CEBRAP – PÚBLICO IDOSO
NAS UNIDADES DO SESC SÃO PAULO**

De acordo com a Organização Mundial da Saúde, cronologicamente, o cidadão com 65 anos de idade nos países desenvolvidos e aqueles com 60 anos de idade nos países em desenvolvimento, são considerados idosos. No Brasil temos ainda o *Estatuto do Idoso* que traz em seu artigo 1º “[...] destinado a regular os direitos assegurados às pessoas com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos”. A partir deste parâmetro, foi feita uma coleta das entrevistas junto aos públicos presentes nos Centros Culturais e Desportivos do Sesc no Estado de São Paulo com uma pergunta “filtro” que os incluiu nesta amostragem.

Embora a pesquisa tenha trazido outras questões importantes, vale uma revisão no perfil socioeconômico em relação ao sexo, renda, escolaridade, raça/etnia e posição na ocupação, que buscaremos comparar à pesquisa *Idosos no Brasil*, uma investigação domiciliar realizada pelo Sesc e Fundação Perseu Abramo em 2006, que segue como referência para o tema.

Em relação ao **sexo**, 59% são mulheres, e 41% homens, ou seja, assim como na amostra nacional, prevalecem as mulheres (57%), o que de certa forma legitima o recorte obtido. Ao serem questionados sobre sua **cor ou raça**, 72% dos frequentadores se declaram brancos, contra



De acordo com a Organização Mundial da Saúde, cronologicamente, o cidadão com 65 anos de idade nos países desenvolvidos e aqueles com 60 anos de idade nos países em desenvolvimento, são considerados idosos.

54% dos idosos que responderam à pesquisa nacional. Do ponto de vista da **escolaridade**, o público idoso do Sesc São Paulo se concentra em duas faixas: fundamental incompleto e completo, com 38%, e superior incompleto e completo, com 36%. Embora aproximadamente 30% das pessoas relatem dificuldades para ler, a escolarização máxima encontrada nos públicos do Sesc São Paulo é quase três vezes maior do que o perfil dos idosos brasileiros, pois, na amostra nacional, apenas 14% possuíam ensino terciário incompleto ou completo.

Em concordância com os dados mais gerais sobre a **posição na ocupação**, predominam os aposentados exclusivos, perfazendo 61%, quase dois terços da amostra. Os chamados ativos no mercado de trabalho, isto é, trabalhando ou procurando emprego, perfazem 24%, 15% são aposentados inativos (representados em geral por estudantes ou donas-de-casa) 52% se aposentou por tempo de trabalho, e apenas 20% se aposentaram por idade, 21% ainda não se aposentou, 5% por invalidez e 2% por outras razões. Dentre os que trabalham, 36% são autônomos sem INSS, 18% são assalariados com carteira, 12% trabalham por conta própria com INSS, e 9% são funcionários públicos. Cerca de 45% desses frequentes não têm contribuição para a previdência, e embora seja baixa a incidência de idosos sem renda nenhuma, muitos dependem unicamente da aposentadoria.

Em relação à **renda**, há, em torno de 60% de pessoas com renda entre 2 e 10 salários mínimos, por outro lado, mais de um terço do público se concentra abaixo de 2 salários mínimos e 11% apontam nenhuma renda ou renda menor que 1 salário mínimo, com dados. Em que pesem as diferenças de renda apontadas na pesquisa nacional, que chegam a variar até 10% nessas faixas, vale apontar que há em torno de 40% de idosos frequentes no Sesc São Paulo que se caracterizam por baixa renda e escolaridade. Se fôssemos reduzir essa leitura às principais diferenças, o perfil encontrado na amostra nacional, esse público seria caracterizado por renda e escolaridade mais elevados a que a média geral e por predominância de brancos na declaração de raça/cor, com a observação de que se partirmos para uma segmentação por sexo, por exemplo, o resultado apresentará uma certa heterogeneidade.

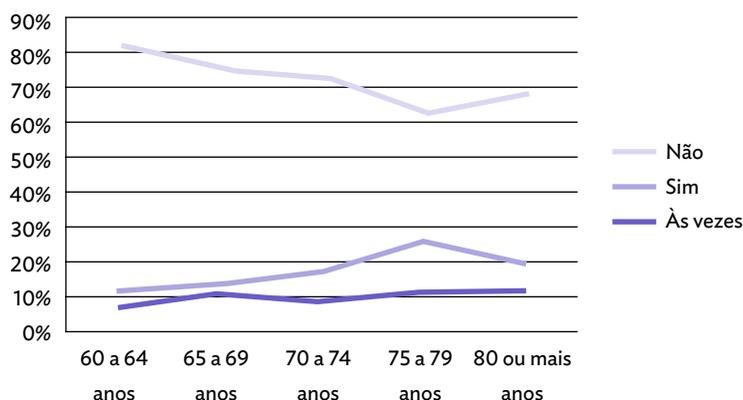
A leitura destes aspectos básicos é necessária à reflexão das instituições que realizam um trabalho social, sobretudo no que tange à redução das desigualdades, e, além disso, desigualdades, e aponta uma série de informações que se tornam significativas no contexto da relação com esses públicos e nas ações oferecidas. No entanto, a qualificação destas informações se enriquece com a leitura de outros temas que a

Artigo 4

Os públicos experientes que habitam o Sesc em São Paulo

pesquisa traz, observando que a construção do pensamento a respeito das faixas etárias está em constante transição e entender esses meandros pode ajudar a identificar tendências.

Um dos primeiros signos a analisar nesse sentido, ocorre ao observar a divisão por faixas etárias, que resultou num escalonamento de 58% entre os 60 e 69 anos, 48% acima de 70 anos de idade e 11% acima de 80 anos, distribuição que denota maior presença entre os 60 e 80 anos. Ao observar as faixas, há uma redução de incidência conforme avança a idade. Seria o avanço da idade um fator de redução da frequência, portanto um fator limitante? Para ir além das primeiras impressões, é importante explorar outras questões colocadas. Uma delas é o "sentir-se idoso", à qual 75% de entrevistados responderam negativamente, ou seja, não se sentem assim.

Sente-se idoso por faixas de idade dos frequentadores do Sesc São Paulo


Fonte: Survey Sesc-Cebrap. Elab. Cebrap-ECO

Olhando as respostas por faixas, observamos um decréscimo sutil nesse "não se sentir idoso" que, curiosamente, se eleva novamente após os 80 anos. Mas, o que poderíamos depreender por "sentir-se velho ou idoso"? Quais as hipóteses que podemos levantar para um quarto das pessoas recusarem o grupo socialmente definido como de velhos ou idosos? Na pesquisa domiciliar nacional *Idosos no Brasil (Sesc/FPA)*, realizada em 2006, por exemplo, 53% dos entrevistados afirmou se sentir idoso. Talvez esses públicos que frequentam o Sesc tenham outro entendimento dessa condição, algo que se insinua, por exemplo, quando 48% não atribuem velhice ao acúmulo dos anos.

Ao serem instados sobre o que indicaria que alguém chegou à velhice, 93% mencionam dimensões negativas que, fracionadas assim se apresentam: 26% aspectos psicológicos, 22% limitações físicas, 13% perda de saúde ou debilidades, e 13% estilo de vida. Entre os aspectos psicológicos, foram citados a perda de ânimo e o cansaço, e o fato da pessoa sentir-se idosa. No âmbito físico, foram citadas as limitações que impedem um cotidiano autônomo, e na menção às doenças, figura o fato de se entregar, ou não, a elas. Aparecem ainda menções ao isolamento, e a ficar sem fazer nada. Ainda na constatação dos limites do avanço etário, se interpõem duas camadas: há o peso de um fator decisivo, no qual alguém se coloca em tal posição, e outro identitário, ao incluir-se nesse grupo que é percebido de forma pejorativa.

Ou seja, ainda que tenha alcançado maior visibilidade na contemporaneidade, a questão do envelhecimento ainda é tratada como problema, numa abordagem que reforça preconceitos. O imaginário social é repleto de mitos e estereótipos que percebem o envelhecer apenas como período de danos e carências. Fragilidades e perdas são quase que automaticamente relacionados à velhice e ao processo de envelhecimento. Com o aumento da expectativa de idade e a estruturação de políticas se consolidando para lidar com as demandas sociais que deste ponto implicam, fala-se mais da velhice que se tornou objeto de estudos e estatísticas, mas que continua sendo interpretada como algo negativo e carregada de simplificações, como ressalta Silvana Tótora (2006, p.37 e p.41):

Em uma cultura que valoriza os excessos de prazeres e o culto da felicidade como ausência de sofrimentos, doença e dor, ser velho é privação. Se o tempo se consome em um movimento linear e a morte é algo que se quer exorcizar, ser velho assume um estatuto negativo [e envelhecer] um mal reservado àqueles que não seguiram uma prescrição correta de vida.

Novamente um aspecto negativo, no qual a insinuação de que a finitude pode estar mais próxima evoca uma espécie de acerto de contas no qual são mais prováveis a dívida, e a dificuldade de seguir sua própria vida estabelecendo novas formas de adaptação. Entretanto, o público frequente no Sesc aponta variações nesse padrão, pois 90% afirmam que as atividades do dia-a-dia não se constituem como problema, o que, novamente, se destaca em relação à pesquisa nacional *Idosos no Brasil* (2006), na qual entre 60 e 80% dos entrevistados atestam dificuldades para desempenhar atividades cotidianas.



Podemos pensar o quanto esse modelo pode influenciar o cotidiano de alguns velhos

Esse ativismo dos frequentes na instituição também se observa no fato de que 73% praticam atividades físicas sempre, e 78% relatam ter saído a um bar ou restaurante no último mês, para contemplar apenas os maiores percentuais. Entre os tipos de atividades mais praticadas, figuram a hidroginástica, caminhada, ginástica.

Aqui vale lembrar o conceito do *envelhecimento ativo* proposto pela Organização Mundial da Saúde que tem permeado sobremaneira. As ações que têm os velhos como público alvo e, também, as orientações e reflexões sobre o processo de envelhecimento. Inúmeras matérias jornalísticas e programas de TV, por exemplo, que tem a intenção de ser informativas e influenciar comportamentos fazem uso desse conceito ao proporem como base para o envelhecimento saudável a prática de atividades físicas. Podemos pensar o quanto esse modelo pode influenciar o cotidiano de alguns velhos e fazer com que procurem, principalmente, atividades físicas como forma de manutenção da qualidade de vida e, da sociabilização.

Quanto às atividades culturais externas, foram mencionadas também festas ou lugares para dançar (44%), missa ou culto religioso (69%), ir à parques ou praças (61%), cinema (24%), shows, teatro e exposição além dos já citados com maiores percentuais. Um em cada 5 dos entrevistados realizou alguma dessas atividades culturais no último mês, ou seja, embora rarefeitas no cotidiano, essas atividades têm certa constância. Para as práticas domésticas, predominam com frequência semanal: ouvir música (88%), ler jornais e revistas (78%) e assistir filmes na TV ou computador (61%).

Segundo a *Pesquisa Hábitos Culturais dos Paulistas*, realizada pela J. Leiva Cultura e Esporte, em parceria com o Sesc e CCR – Companhia de Concessões Rodoviárias, o engajamento do paulista em atividades culturais e de entretenimento é maior à medida que diminui a idade e aumentam a escolaridade e o poder econômico. Foi feita uma comparação entre estes dois perfis extremos, ou seja, jovens de classes A/B mais escolarizados versus idosos de classes D/E menos escolarizados, e, na prática de assistir a filmes em casa – categoria que nos eximiria

de refletir sobre limites físicos e financeiros implicados – atinge 120% de diferença. Nesse mesmo corte, 85% dos jovens foram ao cinema no último ano, enquanto 29% dos idosos o fizeram. Seria o tipo de programação oferecida, o desinteresse, a falta de acesso, ou uma combinação desses aspectos que acabam por se interpor?

Um dos temas explorados pela investigação foi a disponibilidade para realização de atividades junto à públicos de outras faixas etárias. Com exceção dos bailes, excursões e academia/ginástica, não predomina um desejo de participação exclusiva de sua própria faixa etária. Agregando respostas por outros tipos de atividades, percebemos que 78% defendem atividades para todos os públicos, sendo que a maioria (56%) aponta para uma combinação entre todas as idades, enquanto 15% indicam somente adultos. Ainda que minoritário, há um grupo de 20% de respondentes que gostaria que atividades fossem realizadas de forma exclusiva para sua faixa etária.

Por que atividades como os bailes, as excursões e a ginástica seriam mais confortáveis entre seus contemporâneos? A questão etária – e todas as implicações decorrentes – a preocupação com a aparência, surgem como elementos essenciais nessas investigações. Não há como ignorar que a imagem em nossa cultura é elemento central na identificação do velho, além da idade cronológica. Maria Helena Villas Boas (2007, p. 26) discorre a respeito da identidade do velho e analisa qual o medo existente: envelhecer ou parecer velho? A autora cita em seu texto a percepção de um grupo de idosos, ao serem inquiridos sobre a velhice, e registra:

As considerações dos depoentes, na sua maioria, assinalam de fato características presentes no corpo como demarcadoras de idade (perda de beleza, rugas, doenças, dificuldade de movimentos, etc.). Nessas marcas, a perda da beleza (“do frescor” e “do viço”) aparece como elemento primordial. É de se notar, também, que o padrão de beleza implícito é o da juventude – beleza “perde-se”, não se admite a possibilidade de outros padrões ou de padrões alternativos [...]

É possível que os outros tipos de atividades que o Sesc oferece que vêm à mente desses respondentes não exaltem as diferenças de idade dos participantes. Por outro lado, 45% dos entrevistados afirmou não saber da existência de atividades exclusivas para a terceira idade e apenas um terço afirma já ter ouvido falar no *Trabalho Social com Idosos* – nome que a instituição dá às ações oferecidas a este público

Artigo 4

Os públicos experientes que habitam o Sesc em São Paulo

– embora tenham sido encontrados para a entrevista, muito possivelmente, a caminho de alguma classificada dentro deste âmbito. Há uma possibilidade de busca por tais atividades por um sentimento espontâneo de pertença ao grupo sem aceitar a denominação idoso, corroborando com a informação anterior da pergunta sobre o “não se sentir idoso”.

Talvez este público entrevistado deixe nas entrelinhas que prefere não ser visto, e nem chamado de tal forma. Eis um ponto de inflexão que ajudou a escolher o título do presente artigo: em virtude da perspectiva conceitual que a instituição tem adotado de abordar o envelhecimento de forma mais ampla, surgiu a necessidade de uma escuta destes públicos em relação à nomenclatura. Foram sugeridos oito termos a partir de uma discussão prévia com equipes que atuam em atividades voltadas para o público idoso, e “experiente”, é o termo favorito, com quase 37% de menções, seguido por “melhor idade” com 27%, e “terceira idade” com 16%. “Idoso” aparece apenas em quarto lugar, com 6% das citações. Esta sequência mostra que aproximadamente 80% do público com 60 anos ou mais de idade Sesc São Paulo prefere expressões não associadas à idade cronológica e evita os termos estigmatizados.

O uso de eufemismos (PEREIRA JR., 2009) – do grego *euphemismos* (bem dizer) - aludem à dissimulação de raciocínios considerados cruéis, sentimentos incômodos ou termos tabus – e em alguns casos revela e desvela a tentativa de utilização de palavras e expressões mais brandas e agradáveis, em substituição a outras consideradas “chocantes e/ou agressivas”. No caso das denominações para denominar pessoas acima de 60 anos, é prática em uma sociedade que entende a velhice como sofrimento e tenta de todas as formas encobri-la, suavizá-la ou, até mesmo escondê-la.

O eufemismo como figura de linguagem sempre existiu, mas há momentos em que a força com que surge nos discursos revela sua finalidade ideológica. Não à toa hoje convivemos com vasta gama de termos para falar do velho e da velhice que aparecem de forma explícita nas respostas dos entrevistados: terceira idade, melhor idade, idade da sabedoria, feliz idade, digna idade, experiente, seniores.

O surgimento do termo “terceira idade” a partir de meados do século XX – particularmente na Europa – inaugurou um movimento de tentativa de ressignificação positiva da velhice. A terceira idade, momento localizado após o período de trabalho e produção, seria o tempo que o indivíduo, em sua aposentadoria, poderia dedicar-se às realizações pes-

soais que não foram possíveis anteriormente, a novos aprendizados, ao lazer e à construção de novas relações sociais. Ação bem sucedida por tratar-se de um dos termos mais aceitos pelo público idoso. Não é incomum em eventos, encontros de idosos – ou mesmo em textos que circulam na internet – encontrar-se a afirmação “terceira idade sim, velho não!”. Joel Birman (2013) assinala o momento desta construção histórica:

Assim, quando foi enunciado o significante terceira idade, desde os anos 70 e 80 do século XX, para designar o que era até então denominado de velhice, foi forjado ao mesmo tempo um novo conceito sobre o processo de envelhecimento que era outrora inexistente. [...] Com efeito, por essa transformação a velhice deixou de representar o fim da vida e a expectativa da morte, para indicar um tempo outro da vida e da existência. Além disso, por essa transformação a velhice perdeu a marca da negatividade para se tornar uma positividade.

Certamente, a mídia ajuda na adesão a palavras que, em outros momentos, não faziam parte do repertório do público. Poderia ser o caso “experiente” indicado por 37% dos entrevistados como preferido? Esse termo tornou-se popular a partir de uma série de televisão exibida pela Rede Globo de 10 de abril a 1 de maio de 2015. Em episódios com histórias independentes, foram abordados temas sobre o envelhecer, redescobertas, a possibilidade de se reinventar e sobre o viver essa fase da vida. De qualquer forma, nesta pesquisa não é possível determinar se a produção da emissora estava atenta a este termo “preferido” pelos velhos ou se a proposta veiculada por esta importante rede de comunicação acabou por influenciar o público. Uma vez que apesar da pesquisa ter sido realizada antes da exibição, a publicidade sobre a série já era veiculada pela Globo. Para Beltrina Côrte (2013, p. 37) a televisão brasileira tem incorporado a velhice em sua agenda e provocado novas abordagens. Segundo a autora,

Os avanços tecnológicos no mundo da informação e da comunicação provocaram a criação de diversos meios e, conseqüentemente, os mais distintos produtos. Eles “alimentam” o imaginário da sociedade brasileira sobre ideários de velhices e envelhecimentos, e, claro, da longevidade que queremos. Os velhos se inseriram, se incluíram como consumidores, especialmente na mídia televisiva, considerada o principal veículo de comunicação em relação à quantidade de público e concentração de verbas publicitárias.

Artigo 4

Os públicos experientes que habitam o Sesc em São Paulo

Como na entrevista optou-se por fornecer uma série de expressões aos entrevistados para que escolhessem o que consideravam mais apropriado, e/ou que os faziam sentir-se mais representados, podemos conjecturar sobre que tipos de termos surgiriam caso fosse solicitada sua escolha abertamente.

No entanto, queremos nos deter um pouco mais sobre aquele que parece sofrer a maior rejeição e causa maior incômodo entre os entrevistados: velho. Será porque quando se pensa o “velho” faz-se uma associação quase que imediata com a morte? Ao ouvirmos a notícia da morte de alguém jovem, é comum uma reação geral de surpresa e pesar maiores do que ocorrem quando da morte de um velho. Parece que a morte (apenas) para um velho é natural. “Afinal, estava velho”. Estar velho é estar perto do fim?

Na contramão do senso comum, vale a pena apreciar o texto de Eliane Brum que coloca toda a força de resistência e potência na palavra “velho” e deixa para “idoso” e outros eufemismos a impressão da fragilidade e perda de garra pela vida.

Não, eu não sou velho. Sou idoso. Não, eu não moro num asilo. Mas numa casa de repouso. Não, eu não estou na velhice. Faço parte da melhor idade. Tenho muito medo dos eufemismos, porque eles soam bem intencionados. São os bonitinhos mas ordinários da língua [...] Velho é letra forte. Idoso é fisicamente débil, palavra que diz de um corpo, não de um espírito. Idoso fala de uma condição efêmera, velho reivindica memória acumulada. Idoso pode ser apenas “ido”, aquele que já foi. Velho é – e está [...] Idoso e palavras afins representam a domesticação da velhice pela língua, a domesticação que já se dá no lugar destinado a eles numa sociedade em que, como disse alguém, “nasce-se adolescente e morre-se adolescente”. Velho é uma conquista.

Ao serem perguntados sobre o termo mais incômodo, 54% das pessoas respondem “velho”. Na sequência, as respostas recaem sobre “antigo” e “idoso”. No limite, esta é uma questão menos operacional do ponto de vista da nomenclatura das atividades, e mais reflexiva, que permite, por vezes, fugir da domesticação da linguagem, citado pela autora. Em um movimento que muitas vezes surpreende, encontramos reflexões como a de Tania Navarro Swaine³, que constrói uma outra referência a partir de sua experiência do envelhecer:

3 Tania Navarro Swain. Professora do Departamento de História da Universidade de Brasília, doutora pela Université de Paris III, Sorbonne. Criou e organizou a revista *Labrys: Estudos Feministas*, com o seu Grupo de Estudos Feministas- GEFEM.



As pessoas querem ser reconhecidas em suas particularidades, e na impossibilidade desta distinção, talvez o termo experiente corresponda melhor à identidade que resulta do acúmulo do vivido.

[...] eu gosto de minha “velhice” de espírito, minha “velhice” de corpo, forjadas durante os anos que se foram e dos quais não tenho saudade. Quando se fala de “política de localização”, não se trata somente de um lugar social estratégico ocupado, de uma experiência dada, mas igualmente de um lugar cronológico, histórico, minha história, da qual não me resta senão o presente. É ele meu referente de mim e o próprio presente é um lugar de passagem. Eu quero ser [...] guiado por escolhas estratégicas, sem que me definam nem por minha imagem, nem por um lugar determinado [...]

Em algum momento, um respondente disse querer ser chamado por seu nome. As pessoas querem ser reconhecidas em suas particularidades, e na impossibilidade desta distinção, talvez o termo experiente corresponda melhor à identidade que resulta do acúmulo do vivido.

Deslocando para o campo dos valores que se consolidam nesses “experientes” foram feitas perguntas sobre temas polêmicos como o aborto, a pena de morte e a descriminalização da maconha. Foi ofertada uma escala com gradação entre “a favor” e “contra”, com a possibilidade de neutralidade em relação à questão proposta. Em que pese o fato de que existem possibilidades, entre o extremo de uma escolha e outra, que se expressam, não só no posicionamento dos respondentes, mas nas perguntas elaboradas nesse sentido, as respostas foram agrupadas de forma binária para sistematização. Dos respondentes, 52% se posicionam a favor da pena de morte, 29% acham que as pessoas que fumam maconha devam ser presas e 20% acham que mulheres que fizeram aborto deveriam ser detidas. Uma pesquisa nacional realizada pelo IBOPE (2014) apurou que 79% dos brasileiros é contra o aborto; 46% a favor da pena de morte e 79% são contra a legalização da maconha e, embora não tenhamos o mesmo recorte etário neste caso, os parâmetros se afirmam parecidos para estes temas. Quando instados sobre a existência de cotas para negros e indígenas nas universidades, 53% se colocam a favor.

Artigo 4

Os públicos experientes que habitam o Sesc em São Paulo

Uma outra questão realizada que traz à tona este universo de valores, é a que inquiri o sentimento em relação à uma projeção de casamento inter-racial, homossexual, ou com uma pessoa mais pobre que a família. Como o formato da pergunta aproxima os temas do universo pessoal do entrevistado, é estimulado um envolvimento que o estimula instiga a revelar suas posturas consolidadas. Tomando por base o “não aceitaria”, isto é, a rejeição, a maior tolerância está no ingresso de uma pessoa de outra cor ou raça na família, seguido de alguém mais pobre e por fim, um relacionamento homoafetivo, apontado até dez vezes mais como não passível de aceitação. No entanto, chama atenção nesse âmbito, o fato de que 37% das pessoas procurariam aceitar, isto é, constata-se que há uma disposição em lidar com um filho/filha que se casasse com uma pessoa do mesmo sexo. Ao serem instados sobre o preconceito em relação aos idosos, 84% afirmam que há preconceito, e um em cada três afirma já ter passado por isso em situações de desrespeito, humilhação ou até mesmo violência.

O que teria mudado na sociedade contemporânea em relação ao cenário descrito por Simone Beauvoir (1990, p.8), em sua obra clássica *A velhice* escrita nos meados do século XX?

Aí está por que escrevo este livro: para quebrar a conspiração do silêncio [...]. É preciso perturbar sua tranquilidade. Com relação às pessoas idosas, essa sociedade não é apenas culpada, mas criminosa. Abriada por trás dos mitos da expansão e da abundância, trata os velhos como párias.

A mudança fez-se à medida que a velhice tornou-se tema importante na atualidade, decorrente do vertiginoso crescimento no número de velhos nos países desenvolvidos e em desenvolvimento. Se este exílio que a autora denuncia se deve ao retiro da chamada vida produtiva, novamente encontramos respostas dissonantes na pesquisa, pois 25% se declaram economicamente ativos e, em que pese o fato de estarmos buscando esses respondentes numa atividade externa – ou seja – já se excetua dessa condição de isolamento, chama atenção o fato de que idosos frequentadores do Sesc São Paulo sejam um público constante e “antigo”, iniciado antes dos 60 anos.

ALGUMAS REFLEXÕES

Entendemos que uma das questões essenciais quando nos referimos ao processo de envelhecimento diz respeito às possibilidades de fuga

de padrões e modelos estabelecidos – de quaisquer tipos – impingidos culturalmente.

Medidas como indicadas no Art. 22 do Estatuto do Idoso (2003), por exemplo, sobre a inserção nos ensino formal de conteúdos que discutam o processo de envelhecimento e a importância da valorização da pessoa idosa, se implementados, podem auxiliar na desconstrução de estereótipos e preconceitos em relação ao velho e ao envelhecimento. Sabemos ser um longo percurso para mudanças relevantes que possam gerar outra relação e percepção sobre essa etapa da vida.

Ao propor ações que têm a educação como pressuposto para a transformação social, o Sesc São Paulo atenta para a necessidade de discutir-se aspectos conceituais e metodológicos relacionados aos seus programas que são, em última instância, formas de intervenção na realidade social. Assim, pesquisas como a realizada, favorecem a articulação entre a prática proposta pela instituição e a investigação na tentativa de identificar e compreender o seu público.

O Sesc São Paulo possui uma história de pioneirismo no *Trabalho Social com Idosos* desde os anos 60, acompanhando nestas décadas as importantes mudanças que vêm acontecendo nas relações da sociedade com a velhice. Ao desenvolver inúmeras ações voltadas à pessoa idosa, nacional e regionalmente: mobilizou comunidades, capacitou profissionais, colaborou com instituições públicas e privadas, sempre no intuito de que a questão social dos velhos fosse definitivamente configurada entre as áreas prioritárias de intervenção em nossa sociedade. As reflexões sobre esses processos podem auxiliar na construção de novos significantes para o envelhecer e resultar em ganhos para as relações sociais e até mesmo na expansão e compreensão individual das possibilidades que advém da passagem do tempo.

Diante disso, percebe-se a importância em se estabelecer pactos sociais pautados na alteridade e corresponsabilidade, por meio da participação social e do diálogo, e assim, permitir que todos os indivíduos, independentemente de sua idade, sintam-se respeitados. ☺

Artigo 4

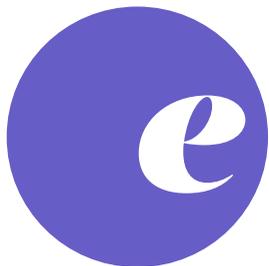
Os públicos experientes que habitam o Sesc em São Paulo

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BEAUVOIR, Simone. *A velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BRASIL. Leis e Decretos. *Estatuto do idoso*. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.741.htm. Acesso em 15.dez.2015
- BIRMAN, Joel. A Terceira idade em questão In *Revista A Terceira Idade: estudos sobre envelhecimento*. Sesc SP, São Paulo, v. 24, n. 58, p. 50-68, nov. 2013. Disponível em http://www.sescsp.org.br/online/revistas/edicoes/501_50+ANOS+DO+TRABALHO+SOCIAL+COM+IDOSOS#/tagcloud=lista. Acesso em 20.jan.2015
- BRUM, Eliane. *Me chamem de velha: a velhice sofreu uma cirurgia plástica na linguagem!* Disponível em <http://revistaepoca.globo.com/Sociedade/eliane-brum/noticia/2012/02/me-chamem-de-velha.html>. Acesso em 4.mai.2014.
- CÔRTE, Beltrina. As imagens dos mais de 60 na tevê 60+ O papel das telenovelas globais na difusão da 'cultura da longevidade' In *Revista A Terceira Idade: estudos sobre envelhecimento*. Sesc SP, São Paulo, v. 24, n. 58, p. 36-49, nov. 2013. Disponível em http://www.sescsp.org.br/online/revistas/edicoes/501_50+ANOS+DO+TRABALHO+SOCIAL+COM+IDOSOS#/tagcloud=lista. Acesso em 20.jan.2015
- LEIVA, J. *Hábitos culturais dos paulistas*. Disponível em
- DEBERT, Guita Grin. *A invenção da terceira idade e a rearticulação de formas de consumo e demandas políticas*. Disponível em http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_34/rbcs34_03.htm. Acesso em 10.jun.2014.
- PEREIRA JR., Luis Costa. Tempos de eufemismo. *Revista Língua Portuguesa*, São Paulo, n.39, jan. 2009. Disponível em: <<http://revistalingua.uol.com.br/textos.asp?codigo=11665>>. Acesso em: 30 jan.2009.
- SESC – Serviço Social do Comércio; Departamento Nacional; Fundação Perseu Abramo. *Idosos no Brasil*. Disponível em https://www.sescsp.org.br/online/artigo/7102_
- SWAIN, Tania Navarro. *Velha? eu? Retrato de uma feminista*. Disponível em <http://www.tanianavarroswain.com.br/brasil/anahi1.htm>. Acesso em 12.dez.2015
- TÓTORA, Silvana. A vida nas dobras... as dobras da velhice. In *Revista A Terceira idade: estudos sobre envelhecimento*. São Paulo: SESC SP, v.19, nº 43: p.27-38, out. 2008.
- VILLAS BÔAS C., Maria Helena. Medo de envelhecer ou de parecer? In revista *Kairós*, São Paulo, 10(2), dez. 2007, pp. 19-44. Disponível em

<http://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/viewFile/2588/1642> .
Acesso em 10.abr.2015

WORLD Health Organization. *Envelhecimento ativo: uma política de saúde* / World Health Organization; tradução Suzana Gontijo. – Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2005. Disponível em http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/envelhecimento_ativo.pdf Acesso em 20.abril.2016.



ENTREVISTA

MARIKA GIDALI

79 anos, bailarina

“Hoje senti-me muito completa ao dar aula. Uma aula pra cima que todo mundo saiu voando”



Marika Gidali. Bailarina, coreógrafa, professora, diretora artística, fundadora do *Ballet Stagium*. Organizadora de inúmeros projetos sociais e incansável em sua proposta de inclusão social e de educação por meio da dança, Marika nos recebeu no espaço do *Stagium* para esta entrevista para compartilhar com os leitores da *Mais 60*, sua trajetória desde a Hungria até o coração de São Paulo na Rua Augusta, endereço do *Ballet Stagium*.



RAIO-X

Marika Gidali

79 anos, Hungria.

Ocupação: Bailarina



MAIS 60 Marika, costumamos iniciar a entrevista pedindo ao entrevistado que fale um pouco da sua história. Nós sabemos que você nasceu em Budapeste, na Hungria. Nos conte sobre sua infância, as lembranças dos pais, irmãos.

MARIKA Eu nasci na Hungria, em 1937, antes do início da Segunda Guerra Mundial. O nazismo reinava e a questão do preconceito contra judeus era forte. As lembranças de meus quatro, cinco anos e, depois, da guerra e tudo é muito ruim. Mas também há os momentos que vivi gostosamente e eu me lembro. Andava de patins, lembro-me de meu avô, era uma coisa muito gostosa. Tenho lembranças boas mas, também, lembranças péssimas, até o dia que minha mãe resolveu e viemos embora para o Brasil...

Vocês não vieram direto para o Brasil, não é mesmo?

Não, nós fomos primeiro para o Uruguai, porque não podia desembarcar aqui em São Paulo, estávamos em Santos, no navio. Judeus não podiam entrar. Acho o Dutra¹ que governava. Tivemos que ir para o Uruguai e ficamos duas semanas. Depois viemos para o Brasil. Não sei como minha mãe fez para legalizar isso tudo, mas, de qualquer forma, estamos aqui.

De alguma forma, deu certo. ((risos)) e quantos anos você tinha?

Cheguei com dez anos, no dia 27 de abril. Meu aniversário é dia 29. Aqui começa outra fase. São as várias vidas, não é mesmo? Porque, realmente, são várias vidas. Começou outra vida. Aprender uma língua totalmente estranha para mim e, por mais feliz que eu estivesse, me sentia livre,

me sentia acolhida, mas não foi fácil. Demorou um pouquinho para encaixar tudo direitinho, a comunicação foi um pouco complicada mas depois de um tempo deslanchou. Quando eu cheguei um professor no clube húngaro já me colocou no palco dançando, uma coreografia dele.

Então você começou a dançar aqui no Brasil?

Sim, aqui. Na Hungria cheguei a fazer uma audição para a ópera e passei mas, minha mãe decidiu vir para o Brasil e recomecei aqui. Aqui participei de uma audição para o Teatro Municipal, não passei e chorei, chorei. Enfrentava outra realidade. Comecei a estudar bastante. Como já estava no palco, o professor do clube organizava espetáculos amadores, de dança, teatro. Eu cantava, dançava, "daquele jeito" mas era legal. Até que percebi que não era tão fácil assim, que precisava estudar mais. (risos). Entrei para o *Balé do Quarto Centenário*² que contribuiu muito para minha formação.

Você tem irmãos.

Sim, éramos eu, minha irmã e meu irmão. Minha irmã e eu estudamos na escola *Machado de Assis*. Com o passar do tempo acostumamos com a língua, até que entrei no *Balé do Quarto Centenário*, em 1953, e permaneci durante dois anos. Formação muito boa, muito teatral, moderna para a época.

Você foi bailarina no Teatro Municipal do Rio.

Sim. Foi o oposto do *Balé do Quarto Centenário*. No Municipal era Classicismo. No *Quarto Centenário* tinha repertório muito moderno, muito complexo. Tive contato com grandes

¹ Eurico Gaspar Dutra (1883-1974). Militar. Presidiu o país de 1946 a 1951.

² Balé do IV Centenário, companhia criada especialmente para os festejos do IV Centenário de São Paulo



“Eu passei a desenvolver um trabalho de planejamento diferente, mais objetivo, realista e não sonhador”

bailarinas, grandes estrelas da época. Permaneci um ano e meio. Não queria virar funcionária e lá era um ritmo meio de “funcionarismo” e eu não queria. Voltei para São Paulo, aqui fui convidada pelo Rangan³, uma pessoa maravilhosa. Foi um dos primeiros a produzir grandes desfiles de moda, gostava muito de dança, resolveu fazer uma companhia e fez, no teatro Cultura Artística. Voltei para São Paulo e começou uma luta “braba...braba”. Dançamos bastante no Cultura Artística. Infelizmente, não vingou. Então, começamos a fazer televisão, cinema, comecei a trabalhar com o Ismael Guizer⁴, que tinha um grupinho para fazer essas coisas que a gente chamava “chá-chá-chás” e era muito bom, aprendi à beça também. Dancei atrás de muitos cantores (risos), era muita loucura, em boates, cinema, televisão, foi uma outra gama de coisas que acabou me completando como bailarina. Eu já tinha a experiência do Centenário, já tinha a experiência do Municipal, e com essa experiência enorme, do “chá-chá-chá”, foi muito bom. Foi uma faculdade, você se torna polivalente.

Você tinha várias possibilidades de trabalho.

Comecei a fazer tudo que podia para ganhar dinheiro, porque naquela época não existia os patrocínios. O Municipal do Rio, era da

3 Livio Rangan (1933-1984). Ex-bailarino de origem italiana trabalhou com moda. O primeiro grande projeto desenvolvido por Rangan foi o *Cruzeiro da Moda*, para a maior revista de circulação da época, *O Cruzeiro*.

4 Ismael Guiser (1927-2008) Nasceu em Buenos Aires. Chegou ao Brasil em 1954. Ainda estava na Europa quando o húngaro Aurel von Milloss o convidou a participar do Ballet do IV Centenário de São Paulo. Trabalhou no Ballet do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, Ballet Stagium, Balé da Cidade de São Paulo, Ballet Teatro Cultura Artística, Ballet do Grand Théâtre de Geneve (Suíça), Tanzforum-Köln (Alemanha), entre outros, e se destacou como bailarino, professor e coreógrafo.



“Dediquei-me ao teatro de corpo e alma, uma experiência fantástica”

prefeitura; o Municipal de São Paulo que, também, era da prefeitura; tinha alguma coisa na Bahia, mas grupo independente com patrocínio, isso não existia. Trabalhei bastante, ao mesmo tempo, continuei estudando balé clássico. Trabalhei com Renée Gumiel⁵ fiz coisas moderníssimas e sempre estudando, sempre estudando.

Você trabalhou com coreografia.

Sim, em 1964, Claudio Petraglia⁶ me convidou para fazer teatro, coreografia para teatro, para atores. Eu já havia feito coreografia para o Abelardo Figueiredo.⁷ Já tinha certa experiência e comecei a fazer montagens. Nesse meio tempo, o Claudio Petraglia me convida para fazer uma peça chamada “Oh! Que delícia de Guerra” e, quando percebi, já estava fazendo coreografia. Depois disso trabalhei mais de vinte anos com o diretor Ademar Guerra⁸ que tinha uma fantástica personalidade. Dediquei-me ao teatro de corpo e alma, uma experiência fantástica, do ponto de vista intelectual até na criação de textos. Carrego isso comigo até hoje.

5 Renée Gumiel (1913-2006). Bailarina, coreógrafa e atriz francesa radicada no Brasil desde 1957. É considerada a precursora da dança moderna no Brasil.

6 Claudio Guimarães Petraglia (1930 -). Músico, compositor, maestro, roteirista e produtor brasileiro.

7 Abelardo Figueiredo (1931-2009). Produtor de musicais. Um dos responsáveis pela profissionalização do *show biz* brasileiro. Em 1954, convidado pela prefeitura, assumiu o Ballet do IV Centenário de São Paulo.

8 Ademar Carlos Guerra (1933-1993). Diretor de teatro brasileiro. A partir de 1959 inicia a direção de teatros na TV Tupi e na TV Excelsior. Em 1960 estreou nos palcos. Foi assistente de direção de Antunes Filho e acabou se tornando um dos mais destacados diretores do teatro brasileiro.

Nesse momento era importante fazer de tudo, não havia divisões.

Isso mesmo. Estava com Ademar Guerra e, quando percebi, fazia coreografia e assistência de direção e ele, da mesma forma, fazia coreografia e dirigia. Uma simbiose, digamos. Ninguém sabia onde começava ou terminava o trabalho de cada um. Era uma convivência compacta. Aprendi demais com ele, demais! Ele possuía uma visão social incrível e acabamos caminhando dentro da ditadura.

Como que foi esse período da ditadura no contexto da dança?

Trabalhávamos dentro da ditadura, fazíamos várias peças, e muito era censurado. O musical *Hair*, por exemplo, foi censurado. Coreografei *Haire*, lá estava o primeiro nu artístico do Brasil. De uma beleza, de um bom gosto, mas, então, vinham aqueles censores. Tínhamos que fazer um ensaio para a censura e acabou sendo cinco ou seis, porque todo mundo queria ver. Todos queriam ver o nu artístico. Foi muito bonito, mas foi muita ansiedade no meio. Era preciso um jogo de cintura danado para nada ser censurado. Por volta de 1971 fui convidada para dar um curso de férias, uma oficina em Curitiba e, nessa época, o Décio⁹ também foi convidado. Minha aula seria expressão corporal, imagina, a minha especialidade era balé clássico e me convidaram para dar expressão corporal. Eu falei, ótimo, lá vou eu. (risos). Aprendi muito, porque toda a montagem, os laboratórios - que hoje nem sei se usam no teatro -, laboratório era ótimo para expressão corporal. Grotowski, Stanislavski, Brecht¹⁰

10 Constantin Stanislavski, Bertolt Brecht e Jerzy Grotowski construíram sentidos de teatro de diversos modos.

9 Décio Otero (1951-). Bailarino, coreógrafo, diretor artístico. Com Marika Gidali fundou, em 1971, o Ballet Stagium.

fui aprendendo. Isso complementou a minha formação. Foi um mês trabalhando com bailarinos, porque até lá, eu estava trabalhando com atores.

Você contava como conheceu Décio e como começaram o Ballet Stagium.

Sim, e lá estava Décio trabalhando com balé clássico. Na verdade, a gente se reencontrou, porque já tínhamos nos encontrado no Rio de Janeiro. Então, acabou o curso, voltamos para São Paulo, fui convidada a trabalhar para o Cultura pelo Claudio Petraglia. Fizemos uma programação interessante, didática, trabalhamos com todos bailarinos que estavam em São Paulo. Então, iniciamos o Ballet Stagium. Eu, Geralda Araújo¹¹, o Décio Otero sentados na porta da Rua Sarandi, conversando e pensando como trabalhar. Não me pergunte como foi, mas juntamos nove pessoas e começamos o *Ballet Stagium*. Dentro da ditadura, os maiores problemas, sem nenhum dinheiro. Minha mãe, na época, tinha o *Balé do Centro*, uma fábrica de malhas e sapatilhas. Ela vestiu todos os balés da gente, então, não tivemos gastos tão terríveis. A ideia era montar uma Companhia que não fosse um evento, que fosse a longo prazo. E estamos nesse processo há 45 anos. Na verdade, estamos no quadragésimo sexto ano, uma vida. Acho que comecei com o *Stagium* com trinta anos, trinta e tanto. Estou com 79 anos agora. Estamos na luta.

E o livro *Marika Gidali – vv Singular e Plural*, escrito pelo Décio?

É interessante, porque por meio da minha história ele contou a história da dança nesses anos todos.

11 Geralda Araújo. Professora de balé.

Em uma entrevista você diz: “o *Stagium* representa uma miscelânea, o grande estilo do *Stagium* é não ter estilo.” Fale um pouco sobre isso.

Veja bem, a minha caminhada não tem estilo. Eu não persegui nenhum estilo. A única coisa que eu mantive foi o balé clássico, porque acho que como equilíbrio é muito bom inclusive a disciplina. Até hoje dou aula de balé clássico, mas nos deparamos com o termo *moderno*, enfim, as coreografias do *Stagium* não têm uma definição, é balé clássico, é balé moderno. Ele é contemporâneo, na sua filosofia, mas não no seu estilo. Então, o estilo do *Stagium* é uma miscelânea, o que ofende muita gente. No entanto, considero ser importante dizer que ele mantém a simplicidade. Essa simplicidade real brasileira. Não adianta você intelectualizar, dificultar, quando o público não participa. Tem que ser participante.

Em alguns espetáculos apresentados no Sesc, inclusive, percebemos uma brasilidade muito forte.

Mas a brasilidade é exatamente isso, é a essência. Não é um estilo, nada é estilo, mas o conteúdo está lá.

Sobre educação. Sabemos que já realizou inúmeros projetos sociais de grande repercussão nacional. A coordenação das atividades de dança nas Unidades da FEBEM, o Projeto *Joaninha*. Dança a serviço da Educação, o Teatro vai às escolas e escolas vão ao teatro, Professor Criativo, fale sobre isso.

Hoje em dia, diz-se que é social, mas começamos social. Em 71, já nos preocupávamos com a didática. Saímos pelo Brasil, descobrindo nosso povo, dançando nos lugares mais inusitados, isso tudo é social. Você dançar no rio São

Francisco é social. Você dançar no Xingu é social. Tudo é social. A vida inteira procurei fomentar essa brasilidade. Não é xenofobia, mas existe uma realidade brasileira e vamos perseguir. Temos uma riqueza muito grande, temos raízes, mas há o imediatismo, a concorrência, tudo ao contrário daquilo que é educação. Para mim, a concorrência é a pior coisa que existe. No mundo inteiro temos a concorrência. Procuramos ser coerentes, mantendo a integridade artística, de modo que possamos viver muito honestamente. Ninguém concorre com ninguém. Tanto é que no *Stagium* não temos primeiro bailarino, segundo, solista. O *Joaninha* também não tem isso. Sempre acreditei que a dança na educação é válida. Não é válido, a palavra é pouca. É “importantíssimo”, porque a dança, para começo de história, ensina você a conhecer sua casinha e sua casinha é seu corpo. Esse fato, acaba sendo algo muito complexo, grande e educativo. Porque na hora que você se conhece, se respeita, fala com outra pessoa, respeitando-a. Começa a perceber os seus limites, então, procura... corre atrás daquilo que tem necessidade. A educação, antes de qualquer coisa é o ser humano. Uma criança, um adolescente, um cara da FEBEM se conhecer, se respeitar, respeitar seu espaço. Impossível estudar sem respeitar seu espaço, respeitar seu professor, respeitar seu companheiro e é nesse sentido que eu trabalho com educação. Nesse sentido, eu continuo trabalhando. O *Joaninha*, eu continuo fazendo, a FEBEM nos convidou para nos retirarmos, nos retiramos, porque estava muito bom, ((risos)). Coordenei mais de cinquenta, sessenta professores, fizemos encontros de dança na FEBEM, e aprendi muito. Muito! Como trabalhar com uma criança que está naquela situação, sem achar que você é um Deus e vai salvar alguma coisa.



E o projeto *Joaninha*?

O projeto *Joaninha* nasceu no ano 2000 aqui na Augusta¹². Depois passou para um parque de esporte do governo. Quem fez o convite para a mudança foi o Instituto Camargo Correa, que estava nos patrocinando. Construíram uma escola e fiquei dez anos. Chegamos a ter 300 crianças. Tínhamos como parceiros a Petrobrás e a Camargo Correa. Eu, sozinha, não consigo manter trezentas crianças, mas pudemos fazer isso, proporcionávamos antes de mais nada, ensino. Depois de algumas questões voltamos para a Augusta e estamos refazendo tudo. Esse é nosso segundo ano, estamos refazendo peça por peça. Nós trabalhamos sexta, sábado e domingo, e as crianças que já têm um certo adiantamento, colocamos na academia, junto a outras

meninas que são pagantes. Deu um resultado fantástico, porque o *Joaninha* tem uma disciplina, uma postura de sala maravilhosa. Isso foi bom para o pessoal do curso livre. Está ótimo. Dentro das condições, a gente nunca para.

E como vocês fazem essa divisão de faixa etária?

Bem, no *Joaninha*, aos domingos, temos os pequeninhos, mas deixamos também passar alguns que não são tão pequeninhos. Aos sábados, temos os mais adiantado e, na sexta-feira, é o juvenil. Todos têm espetáculos, eles se apresentam, vão para as escolas.

Marika, voltando para o foco da revista, falando sobre envelhecimento, você sabe que os especialistas apontam que em 2050, teremos mais velhos do que crianças...

Do jeito que está indo... (risos)

12 Localização do Ballet Stagium, na cidade de São Paulo



Parece que a educação é mais discutida quando voltada para as crianças, jovens e pouco ouvimos sobre a educação para o envelhecimento. As pessoas têm dificuldade de falar naturalmente sobre o velho, os direitos, deveres, as relações intergeracionais. Precisamos de uma educação para o envelhecimento. Não só o velho, mas toda a sociedade. O que você acha disso?

Tenho várias questões na minha vida, uma delas é ser mulher e fazer o que faço. Nunca senti nenhuma dificuldade de ser mulher e poder realizar as minhas coisas. Feminismo nunca teve muita novidade para mim, porque foi tudo natural. Tudo que fiz, nunca teve nenhum breque. Vamos dizer que tenho uns filhos machistas, um marido machista, mas que não percebem, mas acabo com isso e não estou nem aí. (risos). O problema é deles e não meu. O negócio de envelhecer é uma coisa muito séria. Eu acho que começa pela epiderme. O jovem não quer chegar perto do velho, porque o velho é uma coisa que cheira diferente, tem uma textura diferente, tem um tempo diferente, tem um pensar diferente, então, o jovem não tem prazer de estar acompanhando esse tipo

de assunto. Acho muito sério. É um tema que teremos que “correr atrás”, porque é uma tradição, velho é velho, jovem é jovem, adolescente é adolescente, todo mundo taxado e cada um na sua prateleira, isolado, inclusive. Acho que a palavra “isolado” serve para todas as faixas. Não existe uma interligação entre as várias experiências de vida e as várias formas de ser. Então, ficamos com a responsabilidade muito grande de chacoalhar isso. E começa dentro de casa, é lógico. Agora, o que eu acho disso, eu não acho nada. Acho que é uma realidade que temos que saber enfrentar e tem que saber trabalhar. Eu acho super legal esse interesse... não sei, essa coisa de falar “melhor idade” eu acho besteira. Considero preconceituoso porque não é “melhor idade”, dói tudo, como vai ser a melhor idade? (risos) Para andar é difícil, para sentar é difícil, para deitar é difícil, tudo é difícil, como é a melhor idade? (risos)

Mas você, por exemplo, continua fazendo o que você sempre fez?

A vida inteira e as pessoas têm que respeitar isso. Hoje pela manhã dei uma aula e, sabe, a metade dos alunos não tem o vigor que eu te-



“...mas de envelhecer, você não é vítima. Faz parte da natureza.”

nho. Com bengala e tudo que tem direito, porque o próprio velho, ele não tem que se sentir inútil. “_Ah, porque eu sou carente”, isso é besteira. Acho que o grande lance para cada fase da vida é você saber se impor dentro de uma situação. Quando é criança, é criança, tem que chorar bastante para conseguir as coisas, ((risos)), Você tem que aprender a jogar. Você vai jogar em cada época, porque tem um filho que é machista, ((risos)), mas, realmente, eu acho que cada faixa tem que saber o jogo de cintura da sua época, você vai crescendo e aprende.

Você acha que a dança pode ser uma ferramenta estratégica para fazer essas trocas intergeracionais?

É o principal. Hoje, eu estava conversando com uma aluna, porque teremos um espetáculo de fim de ano. Temos esses adultos que voltam a dançar. “_Ah, mas eu não vou subir no palco, com a minha idade” A pessoa tem que saber não envelhecer no mau sentido. Na verdade, é saber envelhecer no bom sentido. Aceitar. Não é que tudo continua, são duas coisas: uma, que o corpo fica difícil de carregar, e outra, a cabeça, que vai, que vai, que vai... Tem que saber jogar com isso daí, tem que saber administrar, vamos dizer, então, o cabelo é branco, loiro, cortou, tudo faz parte. Se tudo faz parte, tudo é muito bonito. Eu acho muito bonito, não é que seja a “melhor idade”, isso não. Hoje, senti-me muito completa ao dar aula. Uma aula pra cima, que todo mundo saiu voando. Com os meus 79 anos fiz o de vinte pular, entendeu? E pular com vontade e sentir o corpo e sentir o prazer

que eu sinto ao dar aula. Tudo que faço, faço com muita vontade. Não faço nada pela metade, não, porque isso não pode. Na cozinha, eu levanto às seis e meia da manhã e vou cozinhar. Eu adoro cozinhar. Tenho prazer em criar cardápios. Depois venho aqui para o *Stagium* e tenho que administrar e isso eu também gosto. Acho que não faço nada que não goste.

Acho que é o grande lance de encarar a vida, porque a gente ainda tem uma sociedade muito preconceituosa, que cria muitos estereótipos.

Não só pelo velho. Por exemplo, eu nasci no preconceito, uma coisa que já sei administrar, eu sempre administrei. Então, eu sou judia, casada com um católico, tenho cinco filhos adotivos, um de barriga sei administrar isso. Qualquer preconceito, eu sei administrar.

E não colocar a culpa só na sociedade, mas sabermos, também, aceitar.

Eu nunca coloquei a culpa em ninguém. Nunca, a não ser lá naquela guerra louca, porque era vítima daquela situação, mas de envelhecer, você não é vítima. Faz parte da natureza.

Marika, agradecemos a sua disponibilidade
Foi uma grande prazer. ☺



FOTOGRAFIA

Fernando Lemos

por Monica Vendramini





“Eu nasci sem idade como qualquer caso que tenha sexo sem amor e amor sem tempo.”



Lemos nós temos
Temos e não vemos
Vemos e não tememos
Tememos e amemos
Amemos porque vivemos
Vivemos e depois morremos

Monica Vendramini
para Fernando Lemos

RAIO-X

Monica Vendramini

Fotógrafa há 35 anos. Foi fotojornalista da *Folha de São Paulo*, *O Estado de São Paulo*, *Liberación* (França), *Le Soir* (Suíça), *The New York Times* (EUA), entre outros. Vencedora do IV Videobrasil-SP/Brasil com uma produção sobre o poeta russo Vladimir Maiakovski. Fundadora e diretora da BIOGRAPHICA Arte Contemporânea.



RAIO-X

Fernando Lemos

Designer gráfico, fotógrafo, desenhista, pintor, tecelão, gravador, muralista e poeta nascido em Lisboa em 1926. Reside no Brasil desde 1953. Lecionou artes gráficas na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP (FAU/USP).



“A 4ª idade ou a morte são como dias perdidos.”



Noites brancas
a ideia insiste
o escuro esfria
a imagem teima

o gelo aumenta
o olhar inventa

o suor gelado

Monica Vendramini



**“Eu diariamente acordo sem
lembrar a idade de ontem.”**



“Eu não sou relógio, mas vou ser despertador.”





“Eu tenho o tempo da exigência como o vôo de qualquer animal sem asas.”



PAINEL DE EXPERIÊNCIAS

Território Campo Limpo: Bordando nossa História

Uma experiência intergeracional em oficina de artes manuais no Sesc Campo Limpo. / **por Aline Tafner**



O CAMPO LIMPO COMO TERRITÓRIO

O conceito de território foi inicialmente tratado nas ciências naturais referindo-se a certa área física. Em seguida, esta noção foi incorporada por diversas áreas das ciências humanas. Para Milton Santos (1998) as ações e relações do cotidiano que ocorrem num determinado território permitem compreendê-lo, construindo-se como uma relação dialética entre as condições naturais de um determinado local e as transformações incutidas pela ação humana. Assim, o território assume um caráter em parte simbólico e em parte funcional (BARRETO E MONASTIRSKY, 2010), representando raízes históricas, configurações políticas e identidades (ABRAMOVAY, 1998 In FLORES, 2006).

O Campo Limpo é um distrito da zona sul da cidade de São Paulo. Sua ocupação maciça se deu a partir do início do século XX e foi marcada pela presença de imigrantes japoneses, italianos e portugueses assim como de pessoas provenientes do interior de São Paulo, migrantes nordestinos e do



RAIO-X

Aline Tafner

Animadora Cultural
do Sesc Campo
Limpo. Psicóloga,
mestre em Psicologia
Clínica Social, artista
plástica formada
pela USP.

aline@campolimpo.
sescsp.org.br



sul do país. Em comum, todos tinham o sonho de encontrar melhores condições de vida.

Logo no início, a região constituía-se como uma zona rural, composta de muitas chácaras e olarias. Não havia energia elétrica, transporte, água encanada nem tratamento de esgoto. Devido à distância dos bairros mais centrais e a dificuldade de transporte, não havia professores dispostos a permanecerem nas poucas escolas da região. Foi a partir da carência de políticas públicas que os primeiros grupos de moradores começaram a se reunir para reivindicar seus direitos. (IGLESIAS, G.; ABATI, N.; MESQUITA, R. 2016, p. 53).

Se no início a garantia de direitos sociais encabeçava a pauta de lutas e constituía-se como o grande motivo de união da comunidade, a oferta de opções culturais para todas as idades começou a surgir também como prioridade. Na história da *União Popular de Mulheres do Campo Limpo*, importante movimento da região ainda hoje, observa-se que o envelhecimento dos primeiros moradores foi um fenômeno importante para a ampliação de foco

[...] Passadas quatro décadas do período de ocupação do território, os primeiros migrantes que lutaram pelas melhorias da região envelheceram. Com o aumento do número de idosos e idosas ociosos na periferia, estes tornam-se os sujeitos mais presentes na comunidade, e muitos passam a buscar atividades na entidade [União Popular de Mulheres do Campo Limpo] [...] Buscamos desenvolver um espaço de convívio, lazer, educação e cultura multietário, fortalecendo o idoso como agente detentor de grande experiência e conhecimento, que tem muito a colaborar com o desenvolvimento de sua comunidade. (IGLESIAS,G.; ABATI, N.; MESQUITA, R. 2016, p. 53).



Os dados mostram que a periferia deixou de ser associada com um espaço da cidade para consolidar-se como sinônimo de área menos privilegiada, com mais pobres e mais casos de violência.

O Campo Limpo é marcado por movimentos de luta que acabaram culminando em uma produção cultural e política muito intensa ainda nos dias de hoje. Atualmente, a região conta com inúmeros movimentos sociais e culturais que disseminam a cultura periférica por meio de saraus, grupos de teatro, de dança, grupos de mães, de idosos, instituições voltadas à infância e a questões ambientais.

Constituindo-se como uma das três regiões mais populosas da cidade de São Paulo (16.542 habitantes por km²), com mais domicílios (186.070) e mais favelas (177) (INFOCIDADE, 2010), o distrito do Campo Limpo, é uma das mais identificadas pelos próprios paulistanos como pertencente à periferia. Para se ter dimensão do conteúdo simbólico que envolve o entendimento da periferia e de seus moradores recorre-se a uma pesquisa realizada pelo Datafolha e publicada em junho de 2016.

Os dados mostram que a periferia deixou de ser associada com um espaço da cidade para consolidar-se como sinônimo de área menos privilegiada, com mais pobres e mais casos de violência. A periferia está associada ao caos urbano e social: a maioria dos seus moradores é tida como violenta e perigosa (56%), tem mais tráfico de drogas (71%), sendo que seus moradores sofrem mais preconceito. Para 26% dos entrevistados, a primeira ideia que vem à cabeça quando pensa em periferia em São Paulo é pobreza, seguida por violência (20%), favela (8%) e área abandonada (6%). Em relação aos bairros que não são identificados como periferia, os entrevistados os reconhecem como aqueles que possuem melhor infraestrutura urbana (86%), mais oportunidades de emprego (83%), serviços de saúde de qualidade (76%), espaços de lazer para todos (67%), são bons lugares para criar os filhos (67%), há escola que funciona bem (67%), boas opções de transporte (66%), são bons lugares para se morar (65%), são mais seguros (65%) e têm atividade culturais interessantes (65%). Em outras palavras, a periferia carrega um conteúdo simbólico extremamente negativo para os moradores da cidade de São Paulo.

É nesta região periférica da cidade de São Paulo, densamente povoada, marcada por uma

história de ocupação não planejada do espaço, com uma população constituída de migrantes e seus descendentes, com uma comunidade reunida pela militância em diversas frentes e produtora de manifestações culturais riquíssimas que está inserida há, dois anos, a Unidade do Sesc Campo Limpo.

A PERIFERIA COMO POTENCIALIZADORA DE EXPERIÊNCIAS SENSÍVEIS: O PROJETO TERRITÓRIO CAMPO LIMPO

“A qualquer momento, em qualquer lugar podemos nos deparar com a IMAGEM, se estivéssemos atentos. Nenhum ponto da Terra é privilegiado, mais generoso visualmente. É nosso olhar que deve ser generoso, concedendo ao céu, às sombras, ao chão, o mesmo cuidado dispensado ao museu e à galeria. Mesmo nesses locais específicos de cultura, às vezes, as pessoas e os edifícios brilham mais do que os trabalhos expostos.” (BUTI, M. 2006)





... ações que estimulam uma relação mais sensível e poética, as programações vinculadas ao projeto criam um espaço fértil que procura estimular a apropriação criativa do espaço urbano e o direito à cidade

Para John Dewey a arte se ligaria a experiências cotidianas (DEWEY, 2010). O valor de uma obra de arte não estaria no objeto em si, mas nas atividades dinâmicas através das quais esses artefatos são criados e percebidos. Sendo assim, a experiência estética não estaria restrita ao ambiente das galerias e museus. Qualquer pessoa é capaz de viver experiências inspiradoras nos mais diversos locais por onde passa.

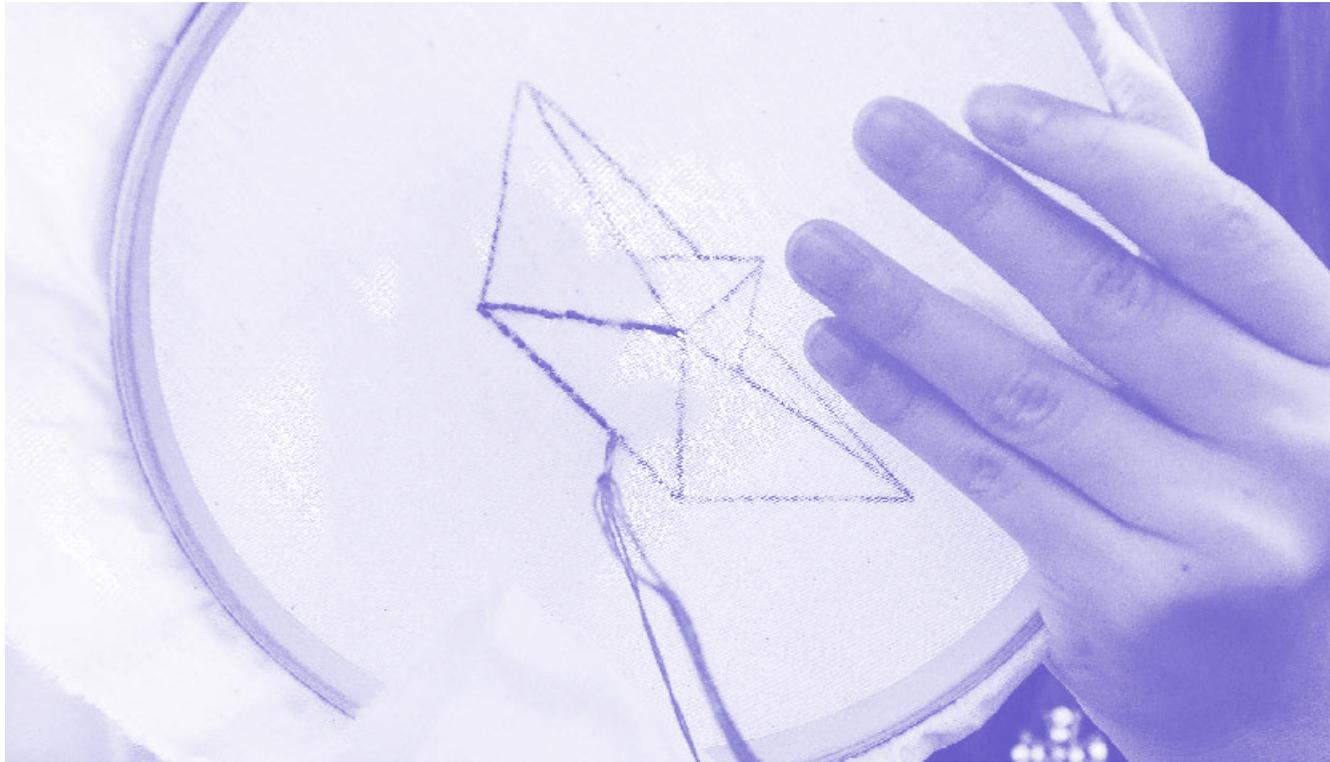
Partindo deste pressuposto, a periferia seria sim um espaço disparador de experiências poéticas. Isso posto, somado à necessidade de apresentar uma contraposição à imagem estigmatizada que o Campo Limpo como periferia teria no imaginário das pessoas, foi criado o *Projeto Território Campo Limpo*. Acontecendo desde outubro de 2015, seu principal objetivo é proporcionar atividades educativas e artísticas que potencializem a sensibilização do contato de cada participante com o entorno. Através de ações que estimulam uma relação mais sensível e poética, as programações vinculadas ao projeto criam um espaço fértil que procura estimular a apropriação criativa do espaço urbano e o direito à cidade.

Uma das atividades que integrou o *Projeto Território Campo Limpo* chamou-se *Bordando nossa história*. Nesta oficina, as participantes eram abordadas pelasicineiras através de um convite aparentemente singelo: “Oi... quer bordar?”. Convite aceito, cada uma era acolhida e integrada à atividade: recebiam seus materiais, eram apre-

sentadas ao restante do grupo. Como o que estava em jogo era a reflexão sobre um espaço coletivo – o bairro e seu entorno – foi fundamental que a oficina se desse a partir de um fazer coletivo: no início de cada aula, eram ensinados pontos de bordado praticados em uma bandeira de pontos individual.

Enquanto isso, asicineiras apresentavam o conceito do trabalho e incitavam histórias e memórias que iam se condensando em imagens transpostas para um grande pano onde todas, num segundo momento, se debruçavam. O bordado assumia um caráter fundamentalmente narrativo, semelhante ao desenho e à escrita: ao bordar uma memória individual, registrava-se uma experiência coletiva. Compartilhar concretamente o tecido abria para o campo simbólico do compartilhamento do território. Entre um encontro e outro, as participantes ficavam encarregadas de pesquisarem mais dados, recuperar suas fotos. Uma delas chegou até a ir em uma biblioteca da região atrás de registros. Várias camadas da história do bairro estão presentes nesse trabalho: desde referências à vinda dos imigrantes, a paisagem original composta por diversas montanhas, assim como referências mais atuais: o Sesc, o shopping e o metrô.

Todo o processo durou 13 encontros, que aconteciam semanalmente à tarde. O grupo foi formado por mulheres de várias idades. Algumas já eram frequentadoras da unidade enquan-



to para outras, este foi o primeiro contato com o Sesc. A atividade tinha um caráter aberto, ou seja, podia receber novos participantes a qualquer encontro. No entanto, observou-se que as participantes formaram um grupo assíduo e que se manteve do início ao fim.

Quatro participantes a partir dos 50 anos foram entrevistadas após 2 meses do término dessa edição do *Projeto*. Nos relatos apresentados, a participação na oficina está ligada a três aspectos principais: a vontade de aprender coisas novas, a sociabilização e a busca por uma condição ampla de bem-estar. Em relação ao repertório que traziam sobre artes manuais, mais precisamente o bordado, o grupo apresentava diferentes experiências. Dona Roseli (natural do interior

de São Paulo, 50 anos, moradora da região há 25 anos) nunca havia bordado. Foi à oficina muito mais para acompanhar a filha que, estudante de moda, tinha interesse em aprender as técnicas. Já Dona Ana (filha de migrantes vindos do sul do país, pai representante comercial, mãe empregada doméstica, 60 anos, moradora da região há 56 anos) conhecia muitos pontos que foram apresentados pelasicineiras. Esta diferença de níveis de experiência proporcionou um ambiente rico nas trocas entre elas. As que sabiam mais, ajudavam aquelas que sabiam menos. Da mesma forma se deu em relação a diferença etária dessas mulheres. A participação da filha de Dona Roseli foi apontada como muito positiva, pois ao desenhar sobre o tecido, ensinava suas companheiras

noções de desenho. Por outro lado, quando se interessava pelas histórias antigas contadas pedia ajuda a alguma das participantes mais velhas. Surge nos relatos uma sensação prazerosa de serem valorizadas pelas suas experiências.

Rapidamente ficou compreendido que o grande objetivo desse trabalho não seria o desenvolvimento individual mesmo que este certamente tenha se dado. Estabeleceu-se um espaço tão acolhedor que rapidamente essas mulheres e as duas oficineiras se constituíram como um grupo. Esse acolhimento e a integração social surgem como os principais motivos ligados ao bem-estar. Dona Irene (filha de migrantes baianos, pai pedreiro e mãe empregada doméstica, 54 anos, moradora da região desde que nasceu) passou por um problema de saúde muito recente. Então fez um acordo com o seu médico: participava de atividades que envolviam outras coisas que gostava e que a fazia se sentir bem. Foi assim que se aproximou do Sesc e passou a participar desta oficina. Dona Silvia (71 anos, moradora da região há 53 anos) entrou na oficina por acaso. Estava passando, por um momento difícil pois perdera recentemente o companheiro de mais de 50 anos de casamento. Um dia, andava pelo Sesc quando viu o grupo reunido e foi convidada pelas oficineiras a se juntar a elas. Principalmente Dona Silva e Dona Irene trouxeram o quanto foi importante a participação na oficina para o restabelecimento de uma noção mais ampla e integrada de saúde, abarcando aspectos psíquicos, sociais, físicos e emocionais. Muitas vezes, uma atividade tem um alcance maior do que aquilo a que se propõe. Em nenhum momento, esta atividade foi pensada com uma finalidade terapêutica, mas foi esse o sentido que assumiu para algumas das participantes o que não desmerece a participação delas e o trabalho que construíram.

Surge no relato uma condição marginalizada do território mas que é ressignificada por elas mesmas ao reafirmarem o quanto o bairro sofreu mudanças desde quando passaram a viver nele. O aspecto negativo, vinculado à precarização de serviços e à violência é tratado de forma crítica pelas participantes que não deixaram de mencionar a admiração pela magnitude física do território, a variedade de recursos encontrados hoje nas proximidades e o aumento das opções culturais para todas as idades.

Não se trata de romantizar o território, nem tampouco de manter uma visão maniqueísta e niilista. As participantes dessa oficina mostraram que um olhar generoso para a trajetória individual e a do bairro é capaz de desencadear um efeito integrador entre os pontos positivos e negativos, o que as torna cidadãs mais potentes. Nas próprias palavras de Dona Ana:

“É importante resgatar a história do bairro em que se mora. Isso faz com as pessoas fiquem mais ligadas a ele e cuidem melhor dele”.

A partir das relações cotidianas que estas mulheres estabeleceram com o entorno criaram-se teias de sentido que foram resgatas a partir da proposição da oficina. Desde o prazer relatado ao se recuperar estas histórias à satisfação de se reconhecer pertencente a este território com seus aspectos geográficos políticos, históricos e sociais se deu um processo de recuperação de conteúdos ao mesmo tempo individuais e coletivos. Todo o processo resultou numa afirmação do papel de cada uma como cidadã ativa na construção da história do bairro, na transmissão de conhecimento e como agentes de mudanças na própria comunidade. ☺

BIBLIOGRAFIA

- BUTI, M. *Ir até aqui*. São Paulo: Cosac Naify. Catálogo da Exposição. 2006
- DEWEY, John. *Arte como Experiência*. Tradução de Vera Ribeiro, Martins Fontes, 2010. (Coleção Todas as Artes). 646 pág.
- IGLESIAS, G.; ABATI, N.; MESQUITA, R. “Zona sul de São Paulo a partir da história da União Popular de Mulheres” (p. 15-69). In *Redes periféricas: Juventudes, Mulheres e Arranjos Culturais*. Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da USP (ITCP – USP). São Paulo: 2016.
- FLORES, M. *A identidade Cultural do território como base de estratégias de desenvolvimento: uma visão do estado da arte*. 2006. Disponível em http://camara.fecam.org.br/uploads/28/arquivos/4069_FLORES_M_Identidade_Territorial_como_Base_as_Estrategias_Desenvolvimento.pdf Acesso em 8.set.2016
- SANTOS, M.. “O retorno do território”. In Santos, M.; et al. *Território: globalização e fragmentação*. São Paulo: Hucitec. 1998.



RESENHA/LIVRO

O Mal-Estar na Velhice em *Diário da Guerra do Porco* de Bioy Casares

por Christian Ingo Lenz Dunker

“Para viver como jovem morro como velho”¹



Adolfo Bioy Casares (1914-1999) pertence à geração de escritores fundamentais da literatura argentina. Ao lado de Macedônio Fernandes e Jorge Luiz Borges lançou as bases do realismo fantástico, que se consagrou na escola latino-americana pelo colombiano Gabriel García Márquez (1927-2014), o argentino Julio Cortázar (1914-1984) e o brasileiro José J. Veiga (1915-1999).

Dois traços do surrealismo europeu são importados e reformulados pela literatura descomunal, segundo o título pre-

ferido pelo colombiano: a indeterminação da relação com a realidade e a invenção de uma nova forma de amor. O romance *Nadja*² de André Breton, decisivo para a formação da psicanálise de Jacques Lacan, mostra-se um exemplo maior do cruzamento dessas duas exigências, pois nele misturam-se pessoas e lugares reais com a aparição de uma mulher, cuja existência é suspeita. A grande novidade do realismo mágico, comparado ao surrealismo francês, consiste na infiltração da violência e no diálogo com os estados de segregação e de opressão política. Se os surrealistas franceses, inspirados no marxismo institucional dos anos 1930 e 1940, criavam pontos de heterogeneidade e estranhamento em uma realidade social excessivamente confiante, coerente e organizada, seus análogos latino-americanos precisavam extrair efeitos de perturbação estética, diante de uma realidade social por si só explicitamente louca, arbitraria e incoerente. Daí a redução do contrassenso a elementos estratégicos da trama.

Diário da Guerra do Porco, publicado por Bioy Casares em 1969, aborda esse problema exagerando uma pergunta incômoda para o universo capitalista: afinal para que servem os velhos? Pergunta que trabalha com o que a psicanálise chama de mal-estar, ou seja, algo que não deve ser nomeado e que funciona como premissa tácita para que a ordem social mantenha-se como tal. Se entendemos que a terceira idade representa um estado de interrupção da vida laboral – que apenas onera o resto “produtivo” de nossa sociedade, a qual deve arcar com os custos de manutenção e de saúde, progressivamente elevados, sem reverter



Diário da guerra do porco

Idioma: Português

Editora: Cosac Naify, 2010

Assunto: Romance

Autor: Adolfo Bioy Casares

Nasceu em Buenos Aires em 1914. Bioy Casares foi pioneiro da literatura fantástica na Argentina. Autor de diversas obras entre elas: *A invenção de Morel*, *Histórias fantásticas*, *Diário da guerra do porco*.

RAIO-X

Christian Ingo Lenz Dunker

Psicanalista e professor Catedrático da Universidade de São Paulo (USP). Ganhador do Prêmio Jabuti de melhor livro em Psicologia e Psicanálise em 2012, com a obra *Estrutura e constituição da psicanálise: uma arqueologia das práticas de cura, psicoterapia e tratamento* - editora Annablume, 2011. Colunista na *Revista Mente & Cérebro*, na *Revista Cult* e no *Blog da Boitempo Editorial*.

em efetiva agregação de valor –, por que mesmo ela tem direito à existência? Lembremos que foi este tipo de raciocínio que deu origem às práticas de eliminação de doentes terminais e crianças deficientes, por parte do nazismo. A questão de fundo para Bioy Casares, e que o torna tão atual, reside justamente no sentido do “inútil” e de o destino nos parecer “irracional” do ponto de vista da produtividade – a situação assemelha-se ao conto de Cortázar, “Auto Estrada do Sul”,³ no qual, subitamente, o trânsito de uma estrada se vê paralisado, e a partir de então se desenvolve uma nova forma de vida, com crianças nascendo e pessoas morrendo dentro dos carros-casas, sem que nenhuma pergunta direta seja feita pelos personagens; ou ao *A Sombra dos Reis Barbudos*⁴ de José J. Veiga, no qual uma cidade é subitamente invadida por muros que restringem a movimentação e determinam os caminhos possíveis da vida das pessoas – inserindo-se nessa problemática do impossível ao qual somos levados pela exageração de premissas que parecem obviamente corretas, mas das quais não nos apropriamos de suas consequências mórbidas:

*[...] apesar do narrador estar na terceira pessoa, o conhecimento que possui do mundo está restrito à vida cotidiana de Vidal. E no caso da perseguição aos mais velhos, a tensão crescente se realiza devido ao fato de que o protagonista do romance é um dos últimos a perceber o que realmente está acontecendo.*⁵

O enredo de “A Guerra do Porco” é relativamente simples. Quatro amigos – Jimi, Arévalo, Rey e Vidal – vivem num cortiço

de Buenos Aires e começam a perceber a existência de uma guerra promovida pelos jovens contra os velhos. A fidelidade entre eles começa a se dissipar quando são atacados sem piedade ou resistência sob uma suposta justificação científica: “Há estudiosos. Por trás de tudo isso há muitos médicos, muitos sociólogos, muitos planejadores. No mais estrito sigilo eu lhe digo: há também gente da Igreja”.⁶

O texto cria uma experiência de mal-estar no leitor ao mostrar a ascensão social da lógica da indiferença e da segregação, por meio da exageração da “normalidade” dos personagens.

- A velha dos gatos – assentiu Rey. – De que podiam acusá-la? De uma extravagância, alimentar gatos. Pois então, ontem, sem mais nem menos, na esquina da casa dela um bando de moleques a matou a pancadas, diante de resignados transeuntes.

- E dos gatos – acrescentou Jimi, que não tolerava por muito tempo tristezas.

- Farejavam o cadáver – precisou Rey.⁷

No conflito de gerações, a velhice surge como símbolo da finitude. A “guerra” silenciosa entre velhos e jovens aparece explicitada no plano da ação, mas impensada no plano de seus fundamentos. Elementos mágicos, algumas vezes intuitivos, nunca são explicados, segundo a tese de que a violência advém no lugar onde a palavra se torna impronunciável, como uma espécie de mal-estar com denúncia da desagradável verdade por trás dos “pensamentos de que nem suspeitamos”.⁸ A agressividade entre gerações pode ser disfarçada por meio do que

a psicanálise chama de formação reativa, ou seja, um exagero da atitude em sentido contrário ao de nossos sentimentos. Exagero feito exatamente para deformarmos nossos sentimentos hostis. Presença do sensorial como parte da percepção da realidade. São exemplos disso a admiração exagerada, mas também a pena e a imputação de culpa à própria pessoa: “Alguns velhos não se cuidam nem um pouco. Eu quase diria que eles provocam”.⁹

A negação das transformações do corpo, o temor do desamparo e da morte na velhice surgem, assim, como negação do envelhecimento por aquele que o vive e principalmente por aquele que se identifica com o ideal da eterna juventude. A negação torna-se dessa forma a atitude capaz de descobrir e proteger o velho dos efeitos de seu próprio envelhecimento, da qual faz parte a negação da sexualidade na terceira idade. Variação da crença neurótica de que o único desejo dos pais consiste em se reunir para cuidar dos filhos: “*Velhos que se metem com mulheres jovens são um triste espetáculo*”,¹⁰ pois, “– *Igual a um cachorro tarado... O velho imundo merece um castigo*”.¹¹

A ambivalência que cerca tanto o processo de envelhecimento quanto a sua alegoria social a torna o suporte perfeito para a ilusão de que “velho é sempre outro”. É assim que a velhice vira sinônimo de inadaptação à passagem do tempo, de desatualização e de inutilidade. Cruelmente nossa representação aos que lutam para fugir desse destino retrata nosso ódio ao destino que não queremos aceitar e aos que o representam, ainda que involuntariamente: “*Quer que eu explique minhas dúvidas? – perguntou Dante. – Há pessoas que sentem repugnância e se*

enfurecem com o cabelo grisalho; por outro lado, há outros que sentem raiva é de um velho de cabelo pintado”.¹²

A presença da locução adversativa “mas por outro lado” nos faz pensar que a frase vai se opor aos que sentem “*enfurecimento*” com a velhice. Contudo, o que encontramos na conclusão mostra-se apenas uma evolução qualitativa da “raiva”, de tal forma que “há os que sentem fúria e por outro lado os que sentem raiva”. Ali onde esperamos contradição ela não acontece, o que redundando em uma mensagem trágica: “há aqueles que deixam o cabelo grisalho e os que pintam o cabelo, mas o efeito é o mesmo”. Já os que lutam contra o envelhecimento e os que se entregam a ele, são, ambos, objeto de escárnio do maldizer social.

Negação, formação reativa, mal-estar e agressividade incidem sobre o próprio sujeito que maltrata seu processo de envelhecimento, que nada quer saber sobre isso: “*Descobriram que nenhum velho se considera velho*”.¹³

A inversão entre os que um dia foram cuidados e que um dia serão os cuidadores torna-se o objeto crucial do que precisa ser excluído da realidade para que ela possa ser mais e mais consistente. O ajuste de contas entre gerações não deixa de ser potencialmente agressivo, iluminando, assim como o ódio à velhice representa a atitude complementar da idealização da juventude: “*Por que os velhos estão se tornando tão odiosos? – argumentou Arévalo. – Porque estão satisfeitos demais e não cedem seu lugar*”.¹⁴

Por isso, no centro do romance está a reviravolta de afetos entre pais e filhos. Nela, os pais se vingam uma vez mais dos filhos mal-agraçados que lhes viraram as costas.

O egoísmo projetado dos jovens sobre os velhos, a dessexualização e a desumanização da velhice não soam como uma vingança pela má-educação recebida, nem pelo déficit de afeto, que sempre remanesce entre pais e filhos, mas como fragmento de real, traumático e insuportável, que nega e ao mesmo torna-se condição de possibilidade para nossa ilusão de plenipotência de uma humanidade produtiva e sexuada: *“Todo velho se transforma em animal”*.¹⁵ [...] *“Hoje em dia essa mulher é um homem asqueroso. Caprichos da velhice”*.¹⁶

O livro não se mostra atual apenas pela ironia acerca da inutilidade da velhice em tempos de neoliberalismo: ele nos alerta, como a recente vitória do Brexit na Ingla-

terra,¹⁷ que há outra verdade no interior da verdade produtivista e neoliberal. Verdade que diz respeito ao caráter patrimonialista e cristão do capitalismo e na qual ela se insere. Patrimonialista, porque, conforme análise de Thomas Piketty, a riqueza nos últimos dois séculos acumula-se mais pela herança do que pelo trabalho ou pelo talento. Cristão, porque isso nos remete a um tipo de justiça já anunciado no Novo Testamento, segundo Mateus: *“Quem muito tem mais lhe será dado, quem pouco tem, mesmo este pouco lhes será tirado”*. Ou seja, em uma autêntica reversão dialética, os autênticos jovens bem-sucedidos geralmente o são à custa de heranças e benefícios espoliados aos velhos. Espoliação que precisa ser esquecida, nem que seja pelo recurso da violência e do ressentimento para com os velhos. ↻

NOTAS

1 BIOY CASARES, Adolfo [1969]. *Diário da Guerra do Porco*. Trad. José Geraldo Couto. São Paulo: Cosac Naify, 2010. p. 141.

2 BRETON, André [1927]. *Nadja*. Trad. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

3 CORTÁZAR, J. [1966] “Autoestrada”. In: *Cuentos latinoamericanos: antología*. Editorial Alfaguara, 1996.

4 VEIGA, José J. [1972] *Sombras de reis Barbudos*. 24. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

5 AGUIAR, Christiano, 07 nov. 2014. Disponível em: <<http://www.vacatussa.com/diario-da-guerra-porco/>>.

6 BIOY CASARES, p. 94.

7 Ibid., p. 47.

8 BIOY CASARES, Ibid., p. 30.

9 Ibid., p. 89.

10 Ibid., p. 40.

11 Ibid., p. 62.

12 Ibid., p. 53.

13 BIOY CASARES, p. 99.

14 Ibid., p. 47.

15 Ibid., p. 117.

16 Ibid., p. 139.

17 Lembremos que a decisão por deixar a União Europeia, realizada pela votação britânica de 2016, dependeu basicamente dos votos de idosos, residentes em pequenas comunidades rurais da Inglaterra. Enquanto jovens, mulheres e imigrantes viam vantagens na integração continental, os mais velhos perceberam com clareza que isso poderia representar um sacrifício para os que detinham poder e patrimônio e que se veriam, a curto prazo, obrigados a proteger países economicamente mais frágeis, como Grécia e Portugal. Assim, a mensagem de “sacrifício zero”, usualmente aplicada contra a terceira idade, para reduzir seus benefícios, retornou ao seu emissor de forma invertida. A ideologia juvenil e neoliberal do “*presente a qualquer custo*” voltou-se contra o próprio sistema, criando um paradoxo de largas e trágicas consequências, tal como fora anunciada no clássico filme *O Sentido da Vida* (1983) do grupo de comicos ingleses Monty Python. Paradoxo que mostra a verdade da qual a realidade é feita, exatamente como queria o surrealismo francês e o realismo mágico latino-americano.

NORMAS PARA PUBLICAÇÃO DE ARTIGOS REVISTA MAIS 60: ESTUDOS SOBRE ENVELHECIMENTO

A revista *mais 60: estudos sobre envelhecimento* é uma publicação multidisciplinar, editada desde 1988 pelo Sesc São Paulo, de periodicidade quadrimestral, e dirigida aos profissionais que atuam na área do envelhecimento. Tem como objetivo estimular a reflexão e a produção intelectual no campo da *Gerontologia*, seu propósito é publicar artigos técnicos e científicos nessa área, abordando os diversos aspectos da velhice (físico, psíquico, social, cultural, econômico etc.) e do processo de envelhecimento.

NORMAS GERAIS

Os artigos devem seguir rigorosamente as normas abaixo, caso contrário, não serão encaminhados para a Comissão Editorial.

- Os artigos não precisam ser inéditos, basta que se enquadrem nas normas para publicação, que serão apresentadas a seguir. Quando o artigo já tiver sido publicado deve ser informado em nota à parte sob qual forma e onde foi publicado (Revista; palestra; comunicação em congresso etc.)
- Ao(s) autor(es) será(ão) solicitado a Cessão de Direitos Autorais conforme modelo Sesc São Paulo – quando da aceitação de seu artigo. Os direitos de reprodução (copyright) serão de propriedade do Sesc São Paulo, podendo ser reproduzido novamente em outras publicações técnicas assim como no Portal Sesc São Paulo www.sescsp.org.br
- Os conceitos emitidos no artigo são de inteira responsabilidade dos autores, não refletindo, obrigatoriamente, a opinião da Comissão Editorial da Revista.
- Todos os artigos enviados, e **que estiverem de acordo com as Normas**, serão analisados pela Comissão Editorial que opinará sobre a pertinência ou não de sua publicação. No caso de aceitação do artigo, o(s) autor(es) será(ão) contatado(s) pelo correio eletrônico e terá(ão) direito a receber 01 (um) exemplar da edição em que seu artigo for publicado.
- Os artigos devem ser enviados para o endereço eletrônico revistamais60@sescsp.org.br
- Os artigos devem conter enviar uma breve nota biográfica do(s) autor(es) contendo: o(s) nome(s); endereço completo; endereço eletrônico, telefone para con-

tato; se for o caso, indicação da instituição principal à qual se vincula (ensino e/ou pesquisa) e cargo ou função que nela exerce.

- Os direitos de reprodução (copyright) dos trabalhos aceitos serão de propriedade do Sesc, podendo ser publicados novamente e o autor também autoriza disponibilização no sítio www.sescsp.org.br
- Os trabalhos aceitos serão submetidos à revisão editorial e apenas modificações substanciais serão submetidas ao(s) autor(es) antes da publicação.

APRESENTAÇÃO DOS ARTIGOS

- a) Os **ARTIGOS** deverão ser apresentados em extensão .doc ou .docx e devem conter entre 20.000 e 32.000 caracteres, sem espaço, no total. Isto é, incluindo resumo, abstract, bibliografia.
- b) O **RESUMO** deve apresentar de forma concisa o objetivo do trabalho, os dados fundamentais da metodologia utilizada, os principais resultados e conclusões obtidas e conter cerca de **200 palavras**. Deve vir acompanhado por até cinco palavras que identifiquem o conteúdo do trabalho, as palavras-chave.
- c) O **ABSTRACT** também deve conter cerca de 200 palavras e vir acompanhado por até cinco palavras que identifiquem o conteúdo do trabalho, as keywords.
- d) O **ARTIGO** deve conter: Introdução, Desenvolvimento e Conclusão ou Considerações Finais, *não necessariamente com essa denominação*.
- e) As referências bibliográficas, notas de rodapé e citações no texto deverão seguir as normas da *ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas ou as Normas de Vancouver*.
- f) **CATEGORIAS DE ARTIGOS**: Resultados de pesquisa (empírica ou teórica), Relatos de experiência, Revisão de literatura.
- g) **ILUSTRAÇÕES**: As ilustrações (gráficos, fotografias, gravuras etc) devem ser utilizadas quando forem importantes para o entendimento do texto. Pede-se que fotos (mínimo 300 dpi), mapas, gráficos ou tabelas tenham boa resolução visual, de forma que permitam a qualidade da reprodução. As ilustrações deverão ser numeradas no texto e trazer abaixo um título ou legenda, com indicação da fonte/autor.
- h) **FOTOS**: No caso de utilização de fotos (necessariamente em alta resolução, mínimo de 300 dpi) devem vir acompanhadas de autorização de veiculação de imagem do fotografado e com crédito e autorização de publicação do fotógrafo. (Modelo Sesc São Paulo).



O Sesc – Serviço Social do Comércio é uma instituição de caráter privado, de âmbito nacional, criada em 1946 por iniciativa do empresariado do comércio e serviços, que a mantém e administra. Sua finalidade é a promoção do bem-estar social, a melhoria da qualidade de vida e o desenvolvimento cultural do trabalhador no comércio e serviços e de seus dependentes – seu público prioritário – bem como da comunidade em geral.

O Sesc de São Paulo coloca à disposição de seu público atividades e serviços em diversas áreas: cultura, lazer, esportes e práticas físicas, turismo social e férias, desenvolvimento infantil, educação ambiental, terceira idade, alimentação, saúde e odontologia. Os programas que realiza em cada um desses setores têm características eminentemente educativas.

Para desenvolvê-los, o Sesc São Paulo conta com uma rede de 34 unidades, disseminadas pela Capital, Grande São Paulo, Litoral e Interior do Estado. São centros culturais e desportivos, centros campestres, centro de férias e centros especializados em odontologia e cinema.

CONSELHO REGIONAL DO SESC – 2014-2018

Presidente Abram Szajman

Diretor do Departamento Regional Danilo Santos de Miranda

Membros Efetivos Benedito Toso de Arruda, Carlos Roberto Moreira, Cícero Bueno Brandão Júnior, Eduardo Anastasi, Eládio Arroyo Martins, Euclides Carli, Ivete Rocha Bittencourt, João Herrera Martins, José de Sousa Lima, José Maria de Faria, José Maria Saes Rosa, Luiz Carlos Motta, Manuel Henrique Farias Ramos, Milton Zamora, Paulo João de Oliveira Alonso, Roberto Eduardo Lefèvre, Rosana Aparecida da Silva, Wallace Garroux Sampaio

Membros Suplentes Ailton Nunes de Matos Junior, Aldo Minchillo, Alvaro Luiz Bruzadin Furtado, Antonio Cozzi Júnior, Aparecido do Carmo Mendes, Arlindo Liberatti, Arnaldo José Pieralini, Atílio Machado Peppe, Célio Simões Cerri, Dan Guinsburg, Edison Severo Maltoni, João Eliezer Palhuca, Paulo Roberto Gullo, Pedro Abrahão Além Neto, Rafik Hussein Saab, Reinaldo Pedro Correa, William Pedro Luz

REPRESENTANTES DO CONSELHO REGIONAL JUNTO AO CONSELHO NACIONAL

Membros Efetivos Abram Szajman, Ivo Dall’Acqua Júnior,
Rubens Torres Medrano

Membros Suplentes Costábile Matarazzo Junior,
Vicente Amato Sobrinho

mais60

ESTUDOS SOBRE ENVELHECIMENTO

Volume 27 | Número 65 | Setembro de 2016

NESTA EDIÇÃO:

Ciro Marcondes reflete em seu ensaio *Saber, aos poucos, se tornar “sem idade”* sobre o passar do tempo, a idade como categoria social inventada em oposição à natureza que percorre o processo da vida, que dialoga com o *Ensaio fotográfico* criado por Mônica Vendramini.

Meu Museu: espaço de memórias compartilhadas; Envelhecer com qualidade e o conceito multifuncional aplicado ao esporte; Os públicos experientes que habitam o Sesc em São Paulo compõem a seção de artigos.

Christian Dunker colabora nesta edição com a resenha *Diário da guerra do porco*, de Adolfo Bioy Casares. Como entrevistada Marika Gidali, coreógrafa, professora, diretora artística, fundadora do *Ballet Stagium*.

Uma experiência intergeracional em oficina de artes manuais no Sesc Campo Limpo é tema do *Painel de experiências Território Campo Limpo: Bordando nossa História*, que completa esta edição.

sescsp.org.br



Baixe grátis essa e outras publicações do Sesc São Paulo disponíveis em



MISTO
Papel produzido a partir
de fontes responsáveis
FSC® C000000